



TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I
Departamento de Ciências da Comunicação – CESNORS/UFSM
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
21 de junho a 02 de julho de 2010

ANÁLISE DA REVISTA *APLAUSO*: UMA COMPARAÇÃO DO ESPAÇO DESTINADO A ASSUNTOS DA CAPITAL E DO INTERIOR DO ESTADO

MAYARA DALLA LIBERA BRENNER

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação do Luis Fernando Rabello Borges e avaliação dos seguintes docentes:

Prof^ª. Luis Fernando Rabello Borges
Universidade Federal de Santa Maria – *campus* Frederico Westphalen
Orientador

Prof. Caroline Casali
Universidade Federal de Santa Maria – *campus* Frederico Westphalen

Prof^ª. José Antonio Meira da Rocha
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Carlos André Echenique Dominguez
Universidade Federal de Santa Maria – *campus* Frederico Westphalen
(Suplente)

Frederico Westphalen, 20 de junho de 2011

Análise da revista *Aplauso*: uma comparação do espaço destinado a assuntos da capital e do interior do estado

Mayara Dalla Libera Brenner
Luis Fernando Rabello Borges (Orientador)

RESUMO

Este artigo analisa a revista de cultura gaúcha *Aplauso*, buscando entender a lógica de publicação interior X capital, observando se existe uma tendência das pautas para uma região geográfica específica do estado. Através de uma análise de conteúdo de 25 revistas, ao longo dos anos 2002, 2006 e 2010, foi possível observar que *Aplauso* tem uma forte ligação com a capital gaúcha Porto Alegre (lugar onde está sediada a redação), abordando muito pouco o interior do estado do Rio Grande do Sul, e aborda em muitos momentos o estado como um todo, sem segmentação por região, buscando uma identidade cultural gaúcha.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Cultural; Jornalismo de Revista; Revista *Aplauso*.

O jornalismo cultural gaúcho começa aparecer com força no século XX, com as primeiras publicações das revistas *Kodak* (1914), *A Máscara* (1924), *Madrugada* (1926), entre outras. Mas, principalmente, ao longo da sua história, contou com figurões da literatura como Erico Veríssimo, Mário Quintana, Reynaldo Moura, Manoelito de Ornellas, Dyonélio Machado e Augusto Meyer. Só em 1998, impulsionado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura (Lei nº 10.846, de 08/1996), surge pela Plural Comunicação a Revista *Aplauso* (objeto de estudo), periódico mensal que se propõe uma revista de cultura gaúcha, com o objetivo de divulgar e debater as iniciativas artísticas e culturais criadas ou produzidas no estado, com custo de 6 reais.

A temática da revista não se restringe a pautas encilhadas, de botas e bombachas do tradicionalismo no estado, como sugere o título *cultura gaúcha*, abordando o tema de forma reflexiva, buscando demarcar a identidade cultural do povo rio-grandense. Encontramos pautas sobre arquitetura, fotografia, teatro, dança, artes plásticas, cinema, ideologias e políticas culturais.

A abrangência de *Aplauso* se expressa em uma tendência à regionalização, uma busca por pautas locais, com personagens que compõem o cenário gaúcho, sem excluir publicações em âmbito nacional, ou até internacional, desde que com alguma identidade regional enraizada.

Como problemática entendemos, exatamente, essa exatidão e convicção quanto à sua identidade local, regional, essa sua preocupação com a titulação de abrangência

gaúcha. Surge, então, o seguinte questionamento: até que ponto a revista *Aplauso* abrange o território gaúcho em sua totalidade, dando espaço e atenção equilibrada à produção cultural, artística e intelectual interiorana e metropolitana do estado?

Em busca dessas respostas, foi feita uma análise de conteúdo, quantitativa e qualitativa, para entender sua trajetória e comportamento diante dos diversos fenômenos culturais. Usarei, para tanto, 3 anos de publicação (2002, 2006 e 2010), em um total de 25 revistas.

Breve histórico da cultura no Jornalismo

O jornalismo cultural, atualmente, ocupa um papel importante no cenário nacional. Muito além de espaços destinados a críticas e comentários de produções, vemos cobertura de eventos culturais e análise dessas atividades artísticas e intelectuais, muitos desses em grandes veículos de circulação diária, como os cadernos de cultura. Existe um número superior a 20 títulos de revistas especializadas em diversos setores da produção cultural.

Em âmbito mundial, a primeira manifestação da existência de algo similar ao jornalismo cultural foi em 1711, onde dois ensaístas ingleses (Richard Steele e Joseph Addison) lançaram a revista diária *The Spectator*. A dupla objetivava lançar a *Spectator* para “tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembléias, casas de chá e cafês”. E assim conseguiram.

Dizendo ainda de outra forma, o jornalismo cultural, dedicado à avaliação de idéias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada (...) e o Humanismo se propagará da Itália para toda a Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra e a filosofia de Montaigne na França (PIZA, 2007, p.12).

Já no Brasil, somente a partir do final do século XIX o jornalismo cultural começa a ganhar força, surgindo com ele um dos maiores escritores nacionais, Machado de Assis, iniciando sua carreira como crítico de teatro e polemista literário.

Esclarece Hoffmann (2010, p.2), que, no Brasil, a literatura foi difundida e propagada através do jornalismo. Eram os literatos que, em grande parte, ocupavam as cadeiras de jornalista, escrevendo críticas culturais e opinando sobre fatos do dia-a-dia. Diferentemente daquele período, hoje, o jornalista cultural não ocupa mais uma posição de tanta influência como outrora.

Vale, também, ressaltar a importância que a crônica tem para a história do jornalismo nacional. Se no Brasil as reportagens longas e interpretativas, de perfil, enfim, o jornalismo literário tem poucos simpatizantes, as crônicas foram sempre uma forma de atrair a literatura para o jornalismo, ganhando espaço fixo nas sessões culturais de jornais e revistas nacionais.

Na metade do século XX, a crítica começa a ganhar espaço considerável nos jornais diários e revistas de notícias semanais. Por mais que os textos não fossem tão extensos como as revistas especializadas e procurava-se evitar os excessos de jargões e citações, a crítica era rápida e provocativa, ganhando, assim, impacto.

Em 1928 surge uma publicação moderna (da qual Mario de Andrade foi colaborador) que nenhuma história de jornalismo cultural pode deixar de citar: *O Cruzeiro*. Embora haja muita polêmica sobre os números – sua tiragem teria chegado a setecentos mil exemplares, mas apenas no número especial sobre suicídio de Getúlio Vargas em 1954 – e sobre os métodos suspeitos de reportagens (como as de David Nasser, em parceria com o comentarista Jean Manzon), o fato é que a revista marcou época, lançou o conceito de reportagem investigativa e deu enormes contribuições à cultura brasileira ao publicar contos de José Lins do Rego e Marques Rebelo, artigos de Vinicius de Moraes e Manuel Bandeira, ilustrações de Anita Malfatti e Di Cavalcanti, colunas de José Cândido de Carvalho e Rachel de Queiroz, além do humor de Péricles (o amigo da onça) e Vão Gogo (vulgo Millôr Fernandes) (PIZA, 2007, p.32).

A partir dos anos 20, as revistas de cultura minaram o cenário nacional, e, nos anos 50, as seções culturais passaram a ser obrigatórias nos jornais e revistas diários ou semanais.

Os últimos anos da década de 1990 assistiram ao boom das revistas culturais de circulação nacional. Entre os títulos que se destacaram no período, estão *Inimigo Rumor*; *Azougue*, *Palavra* e *Livro Aberto*. Em julho de 1997, era publicada pela primeira vez a revista *Cult*. Com distribuição mensal, o periódico, que circula até hoje, parte do mundo da literatura para desenhar um retrato multifacetado do panorama cultural. Em outubro do mesmo ano, foi lançada, pela Editora D'Ávila, a revista *Bravo!*, uma das mais influentes publicações da área, também em circulação até hoje. No início de 2005, a revista passou a ser administrada pela Editora Abril. Nas bancas de revista do país, encontram-se, ainda, títulos reconhecidos, como *Primeira Leitura*, *Revista de Cinema*, *Continente Multicultural*, *Caros Amigos*, *Teorema* e recentemente, *Piauí* (STRELOW, 2007, p.110).

Nesse contexto dos anos 90, Daniel Piza conta uma experiência pessoal, como jornalista: “A partir do segundo semestre de 1997 convivi com outra derrubada de tabu. A editora D'Ávila, de Luiz Fernando D'Ávila, sob direção de Wagner Carelli, lançou a revista mensal de cultura *Bravo!*. Convidado a ir para lá, ouvi de colegas que “revista de cultura não dá certo no Brasil. (...) contribui com um projeto muito corajoso e

caprichado, que, apesar das dificuldades, se mantém vivo até hoje, com tiragem de vinte mil exemplares, para espanto dos agourentos” (2007, p.114-115).

Já no cenário local do Rio Grande do Sul, o jornalismo cultural surgiu no século XIX, com o surgimento e morte rápida de inúmeros jornais com tendência literária. O primeiro deles foi *O Guayba*, lançado em Porto Alegre, no dia 3 de agosto de 1856. Com o surgimento de *O Guayba*, os escritores gaúchos tiveram o primeiro veículo de comunicação dedicado às letras. Organizaram-se, reconheceram-se e conseguiram chegar ao conhecimento do grande público. A partir dele, nasceram inúmeros periódicos com a mesma linha, destacando-se Arcádia, publicado de 1867 a 1870, e a Revista do Partenon Literário (1869), órgão oficial da sociedade do mesmo nome, que teve grande repercussão nos meios intelectuais da época.

No cenário atual, a cultura é tema discutido diariamente pelos jornais (...). Entre os diários de circulação estadual, destacam-se os seguintes espaços: “Segundo Caderno” (suplemento – diário) e “Cultura” (suplemento – semanal), do jornal Zero Hora; “Variedades” (editoria – diária), “Folha da Tarde” (suplemento – semanal), “Vitrine” (suplemento – semanal), do jornal Correio do Povo; “Panorama” (suplemento – diário) e “Viver” (suplemento – semanal), do Jornal do Comércio.

Das publicações especializadas, é referência a revista cultural Aplauso, (...) e a revista Arquipélago, do Instituto Estadual do Livro, que sucede à Continente Sul-Sur (STRELOW, 2007, p.114).

Pitadas conceituais de Jornalismo Cultural

Para Anita Gonçalves Hoffmann (2010, p.2), o jornalismo cultural estruturado a partir de críticas de arte e debates literários e intelectuais perpetua-se como uma linha dentro do Jornalismo que privilegia a produção artística e as pautas fora do factual. Esta vertente se ocupa em analisar e refletir sobre áreas como a dança, a pintura, a literatura, o teatro, a música e o cinema. Não existem fronteiras artísticas no universo do Jornalismo Cultural; pode-se analisar desde um movimento de periferia até as manifestações artísticas mais elitistas.

A cultura, conforme Canclini (2003, p. 35), abarca o conjunto de processos sociais de significação, ou melhor, o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social. Não constitui, deste modo, nenhum tipo de erudição, educação, informação vasta ou refinamento. Não se restringe a grupos de maior ou menor influência social. É característica plural, da comunidade humana,

seja ela vista como um todo planetário, ou fragmentada em pequenos blocos (*apud* STRELOW, 2007, p.80).

Cinema, música, artes plásticas, vídeo, livros, ensaios e TV são assuntos que, normalmente, tem leitores cativos, por isso as seções culturais e revistas especializadas são naturalmente mais agradáveis e convidativas. A natureza dos assuntos tratados, do cinema à moda, da literatura à música, são mais leves: não estamos falando de desastres naturais, ou da violência, ou de grandes crimes econômicos: em geral, estão nos indicando coisas boas para fazer, ver ou desfrutar, como ir ao cinema, restaurante, ler um livro etc.

O jornalismo cultural investiga, analisa causa/consequência, busca informações históricas prévias, aprofunda-se nos fatos e personagens, procurando um novo ângulo para a história, usando a língua de forma inteligente e correta. É feito com tempo, profissionalismo, conhecimento, sensibilidade e paixão. Busca criar questionamentos, ao invés de dar respostas rápidas, comprometendo-se com o tema.

Como a função jornalística é selecionar aquilo que reporta (editar, hierarquizar, comentar, analisar), influir sobre os critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos para sua opinião, a imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe (PIZA, 2007, p.45).

O Jornalismo Cultural é um gênero marcado pela presença autoral, opinativa e analítica, indo muito além da superficial cobertura noticiosa, aproximando-se, assim, de movimentos estéticos e ideológicos centrados fora das atividades da imprensa.

Jornalismo de revista

Através do conteúdo de uma revista, podemos encontrar muito da cultura e história de um país. Estão impressas nas páginas desses periódicos os costumes, os protagonistas, as discussões que abalam a sociedade, a moda de seu povo.

Uma revista procura unir entretenimento, educação, serviço e interpretação dos fatos. Suas informações são menos factuais (quentes), procurando auxiliar o leitor com informações pessoais para sua vida prática. Marília Scalzo acrescenta que, “para a maioria dos leitores de uma revista como a *Veja São Paulo*, por exemplo, é muito mais relevante saber o horário preciso de uma sessão de cinema do que ler uma reportagem exclusiva sobre, digamos, os camelôs da cidade (2006, p.55)”.

Existe, nesse caso de prestação de serviço, uma rotina de produção muito semelhante à produção de qualquer outra reportagem. O jornalista também terá a necessidade de checar informações, ouvir fontes confiáveis, comparar dados etc.

Para o sucesso de uma revista, há a necessidade prévia de estabelecer um plano editorial e uma missão, além de definir quem vai ler a revista.

Entre as revistas (...) a segmentação por assunto e tipo de público faz parte da própria essência do veículo. Para ilustrar, podemos lançar mão da seguinte imagem: na televisão, fala-se para um imenso estádio de futebol, onde não se distinguem rostos na multidão; no jornal fala-se para um grande teatro, mas ainda não se consegue distinguir quem é quem na platéia; Já numa revista semanal de informação o teatro é menor, a platéia é selecionada, você tem uma idéia melhor do que grupo, ainda que não consiga identificar um por um. É na revista segmentada, geralmente mensal, que de fato se conhece cada leitor, sabe-se exatamente com quem se está falando (SCALZO, 2006, p.14).

É importante que os jornalistas saibam para quem escrevem, para atender às necessidades ditadas pelos leitores. Sergio Vilas Boas cita que “Roberto Civita, presidente do grupo Abril, acha que para uma revista sobreviver é preciso definir bem o seu público. “Na Abril, fomos evoluindo e acabamos adotando a estratégia de segmentação, porque é o que os leitores querem”” (1996, p.71).

Diferentemente dos cadernos culturais presentes nos jornais, as revistas especializadas na área costumam possuir artigos e matérias mais aprofundadas, com contribuições não só de jornalistas, mas também de especialistas e com uma seleção de temas voltados principalmente a um público mais seletivo e exigente (HOFFMANN, 2010, p.3).

Porém, as revistas possuem um caráter de mutabilidade constante. Muitas revistas faliram e o mesmo continuará a acontecer, já que os leitores mudaram muito rápido e elas não souberam acompanhar. Hoje é necessário que o editor submeta o periódico a alterações gráficas e editoriais constantes, ao contrário de tempos atrás, onde as revistas passavam inalteradas por um grande período de tempo, sem estar fadadas à falência por isso.

Esses periódicos possuem muitos recursos gráficos para contar uma história. O texto será mais bem aceito e compreendido se tiver uma boa fotografia ou de um infográfico bem feito.

Design em revista é comunicação, é informação, é arma para tornar a revista e as reportagens mais atrativas, mais fáceis de ler. (...) Como tudo numa revista, é o leitor, também, quem vai determinar o tipo e linguagem gráfica a ser utilizada na publicação. Não dá para imaginar uma revista de *surf* diagramada como uma semanal de informações, ou vice-versa (SCALZO, 2006, p.67).

A questão ‘proximidade’

Cada publicação da imprensa tem um público-alvo, como vimos anteriormente. O público por sua vez, procura as publicações mais próximas do seu cotidiano, informações sobre a sua cidade, estado ou país.

Em relação aos espaços dedicados tradicionalmente à cultura, a pesquisa de Canclini (2000) aponta para uma frágil ou inexistente articulação entre o local, o nacional e o global, sendo que esses dois últimos praticamente não aparecem, exceto quando a cultura é tratada sob forma de espetáculo. A mesma situação pode ser identificada nos veículos de comunicação sul-riograndenses. (...) Se observarmos as temáticas abordadas pela revista *Aplauso*, perceberemos que essa mesma relação se dá, por vias diversas, no contexto brasileiro, inclusive no Rio Grande do Sul. O foco da publicação é a produção cultural local, as problemáticas e discussões empreendidas regionalmente. Em suas páginas, alternam-se atores que compõem o cenário cultural do estado. Fontes nacionais ou internacionais são ouvidas, na maioria das vezes, quando ligadas a algo que acontece no Rio Grande do Sul, onde a identidade regional é balizadora das decisões políticas e do comportamento social (STRELOW, 2007, p.86-87).

Daniel Piza acrescenta que “o leitor brasileiro tem um interesse adicional pela cultura brasileira, como o americano pela americana, o polonês pela polonesa. Aquilo diz mais diretamente respeito ao seu cotidiano, aos seus hábitos e valores, à sua procura de situar-se na realidade que está mais consequentemente enredado, ao idioma que pertence organicamente à sua estrutura mental etc.” (2007, p.60).

Porém, excluir totalmente ou afugentar as notícias internacionais de cultura, como exposições, eventos, produtos importados etc., é oprimir informação. O leitor tem interesse em saber de um livro recém lançado, pelo que ela pode representar para a literatura e, provavelmente, a obra será traduzida.

A revista *Aplauso*

APLAUSO é a revista de cultura do Rio Grande do Sul. É uma publicação dirigida à divulgação e ao debate de iniciativas artísticas produzidas no estado e no restante do Brasil. Tudo o que de mais relevante acontece no cinema, teatro, música, literatura, artes plásticas, arquitetura ou museologia, entre outras manifestações culturais, está nas páginas de APLAUSO. A revista também promove e estimula as ações empresariais de apoio à cultura (Disponível em: <http://www.apluso.com.br/site/portal/apluso.asp>. Acesso em: 31 out. 2010).

O periódico acontece em parceria com a iniciativa privada e é viabilizada pela Lei Rouanet (nº 8.313/91, de 12/1991) e pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura (lei nº 10.846, de 08/1996). Com tiragem de 12 mil exemplares e circula em todo o território gaúcho, via *mailing* e assinaturas, também alcança outros estados brasileiros.

A *Aplauso* surge no ano de 1998, impulsionado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura, criada durante o governo Antônio Britto (PMDB), e as demais leis citadas anteriormente. A primeira capa, ainda editada pela unidade de processos especiais da empresa Plural Comunicação, deu espaço para o espetáculo do tenor José Carreras, nas missões, no noroeste gaúcho. Neste número zero, a revista ainda não contava com uma estrutura própria para seu funcionamento: profissionais com alguma experiência na área foram chamados para ajudar neste começo, como a jornalista Paula Ramos, que já havia trabalhado na assessoria de imprensa da Bienal do Mercosul.

Nos dois primeiros anos, *Aplauso* foi uma revista tradicional, conservadora e acanhada. Nós não tínhamos segurança, não conhecíamos ainda as pessoas. É necessário se inserir no meio. O jornalista precisa ter suas fontes, entrar em um espaço de cultura e conhecer as pessoas. E isso, num primeiro momento, nós fomos aprendendo. Não sabíamos como as coisas funcionavam. E ela era acanhada muito por causa disso, por causa da nossa insegurança. Depois, ela foi conquistando credibilidade, um espaço entre os leitores, que a possibilitou crescer (RAMOS *apud* STRELOW, 2007, p.120).

A revista *Aplauso*, desde a sua primeira publicação, coleciona vários prêmios. Entre eles, o Troféu Açorianos de Literatura nos anos de 1999, 2004, 2005, 2006 e 2007, o troféu Amigo do Livro 2002 (promovido pela Câmara Rio-grandense do Livro), o Prêmio Rodrigo Mello Franco 2003 (do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN) e o Prêmio O Sul – Nacional e os Livros 2004 (oferecido por Sonae e Rede Pampa). Em 2005 e 2007, além do Açorianos, *Aplauso* também conquistou troféus no Prêmio ARI de Reportagem Cultural, entregue pela Associação Rio-grandense de Imprensa (pelas matérias de capa sobre Erico Verissimo, de Paulo César Teixeira, e sobre o mercado cultural brasileiro, de Daniel Feix).

O periódico nunca investiu em pesquisas junto aos leitores. Por isso, até então, jornalistas, colaboradores e a parte comercial da revista dirigiam-se a um público imaginário, cujas peculiares fundamentam-se nos leitores de outras publicações culturais ou na própria redação.

“Tentamos mirar no pessoal da classe média, numa idade entre 25 e 30 anos. Mas eu não tenho balizamento científico. É aquele que tem um dinheirinho, que tem algum acesso aos bens culturais, que talvez nunca tenha entrado em um museu, mas tem certa escolaridade, lê um pouco”, define Eugênio Esber, diretor de redação (*apud* STRELOW, 2007, p.131).

O consumo cultural não depende do perfil da revista. Quem tem menos acesso a bens culturais, acaba não sendo o nosso público majoritário. Mas não é um problema da revista, é um problema do País. Nós temos que pensar mecanismos que, a despeito da conjuntura econômica do País, atinjam esse contingente. É uma missão, sem fazer concessões, evidentemente, sem abrir mão da qualidade. Qualidade, acho que é isso, tanto o público classe A quanto o público classe B querem. O leitor em geral quer qualidade. Não adianta: se ele vê um produto mal feito, ele reclama, ele vai perceber, ele sempre percebe (FIGUEIREDO *apud* HOFFMANN, 2010, p.11).

O maior número de assinantes do periódico está localizado na grande Porto Alegre.

Entre os assinantes da revista, 27,47% residem em Porto Alegre; 2,13%, em Canoas; 1,85%, em São Paulo (SP); 1,41%, em Caxias do Sul; 1,31, em Novo Hamburgo; 1,28%, no Rio de Janeiro (RJ); e 1,03%, em Pelotas. O restante divide-se entre demais cidades do interior do Rio Grande do Sul e estados como Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Pernambuco e Bahia. Do total de assinantes, apenas 4,51% não residem no Rio Grande do Sul (STRELOW, 2007, p.133-134).

A *Aplauso* traçou como objetivo editorial dar prioridade para a produção cultural do Rio Grande do Sul. “Seja o que é produzido por gaúchos ou o que tem alguma interação com nosso ambiente. Focamos realmente na produção cultural do estado, em uma espécie de contrapartida por usarmos a Lei de Incentivo à Cultura e termos o apoio da Lei Rouanet e de empresas daqui”, sublinha Jorge Polydoro, diretor-geral (STRELOW, 2007, p. 136).

Além do mais, vez que outra concede espaço em suas páginas, também, à identidade tradicionalista que o gaúcho criou. As ponderações e reflexões em torno da identidade cultural do gaúcho já ganharam espaço nas páginas de *Aplauso*, em reportagens de capa, artigos etc. Assuntos como o símbolo de “macheza”, os mitos e lendas, os conflitos do tradicionalismo e os diversos lados do povo rio-grandense, sob outros enfoques, já tiveram lugar no periódico.

A equipe de *Aplauso* pouco oscilou ao longo da sua existência. Usando os anos analisados como exemplo (2002, 2006 e 2010), teremos uma noção palpável das oscilações de redação. Em 2002, o diretor-geral era Jorge Polydoro, o diretor de redação, Eugênio Esber, e o editor, Daniel Feix. Em 2006, Jorge Polydoro se manteve como diretor-geral, o editor executivo era Felipe Polydoro, diretor de redação Eugênio Esber, editor Daniel Feix e Subeditor Flávio Ilha. Finalmente, no último ano de publicação, a equipe constituiu-se de Jorge Polydoro (diretor-geral), Eugênio Esber (diretor de redação) e Ricardo Lacerda (edição).

Embora dita mensal, a revista *Aplauso* não possui um dia exato para estar nas bancas ou na casa dos assinantes, tanto que em 2010, ao longo dos 12 meses, apenas 5 edições foram lançadas, além da retrospectiva, já em 2011. Alguns dos motivos para isso são problemas financeiros, no início, e industriais, atualmente.

Um dos formatos de sustentação mais importantes para a revista são os apoios culturais, que se dão, especialmente, através de séries patrocinadas. Especiais sobre patrimônio histórico, escritores gaúchos, gastronomia e personagens do Rio Grande do Sul são oferecidas como projetos para empresas e, se conseguirem os apoios necessários para sua operacionalização, são colocadas em prática. O patrocinador leva a sua logomarca em todas as matérias da série (STRELOW, 2007, 142).

Análise da Revista *Aplauso*

Após a base teórica, será abordado agora o caso específico da revista gaúcha *Aplauso*, a partir da análise de conteúdo de 3 anos de publicação desta revista mensal, durante os anos de 2002, 2006 e 2010. Como a proposta aqui foi perceber como a distribuição entre matérias voltadas à capital e ao interior do estado se dá em seus aspectos tanto qualitativos quanto quantitativos, foi feita a opção pela Análise de Conteúdo, conceituada por Laurence Bardin como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (1977, p.42).

A escolha do período não é aleatória. A revista, que iniciou suas atividades em 1998, apenas em 2002 publicou sua primeira revista de retrospectiva anual. Este foi, portanto, o meu ponto de partida. Os demais anos de análise foram escolhidos através do mesmo critério: 2010 foi a última retrospectiva lançada, depois de um ano de publicação completo (ou quase), e 2006 é o ano que fica exatamente na metade desse período. Além da comparação entre os três anos escolhidos, esse recorte possibilita fazer comparações internas, dentro de cada ano, envolvendo a edição retrospectiva de um determinado ano e as demais edições publicadas naquele mesmo ano. Ou seja, será que a distribuição interior/capital presente na retrospectiva corresponde àquelas que lhe antecederam? É maior, menor ou não há maiores diferenças?

Em 2002 a *Aplauso* publicou 9 revistas, incluindo a retrospectiva, da edição 35 a 43. Em 2006, foram 10, incluindo a retrospectiva, da edição 72 a 81. Já em 2010, o número foi bem menor, apenas 6, incluindo a retrospectiva lançada já em 2011, que vai da revista 105 a 110.

Definido o *corpus*, estabeleci 6 classificações para as matérias de cada revista, em função da abrangência geográfica a qual a pesquisa se propõe: “Geral” (sem localização geográfica definida); “Internacional”; “Nacional”; “Estadual” (o estado como um todo); “Interior” (cidades e regiões interioranas do estado); e “Porto Alegre”.

2002

Ao longo das 9 revistas lançadas em 2002, incluindo a edição de retrospectiva, encontramos as seções: Artes Plásticas, Entrevista, Imago, Especial, Spot, Galeria, Capa, Patrimônio Histórico, Stereo, Cinéfilo, Fotografia, Artigo, Livros, Kaleidoscópio, Marketing Cultural (aparece somente na edição 36, página 10, ocupando 2 páginas), Dança, Música, Espaço Cultural, Memória, De Perfil, Artes Cênicas, Reportagem Especial, Informe Especial (aparece somente na edição 40, página 29, ocupando 1 página), Cinema, Ópera (aparece pela primeira – e única – vez em 2002, na edição 41, na página 32), Teatro, Gastronomia, Literatura, Palco, Santander Cultural (ocupando 9 páginas da edição de retrospectiva, a matéria fala sobre os eventos culturais relevantes que ocorreram em 2002 e que estavam por vir em 2003) e Livre Pensar (também só aparece na edição de retrospectiva).

As seções não são fixas, vão moldando o periódico conforme as pautas. Algumas aparecem religiosamente em todas as edições, permanecendo estáveis também em 2006 e 2010, a exemplo das sessões Entrevista, Imago, Spot, Stereo, Artes Plásticas, Cinéfilo, Livros e Cinema.

A seção “Kaleidoscópio” aparece em todas as 9 edições de 2002, sempre na última página de cada edição, e possui uma característica fundamentalmente histórica. Por exemplo, na primeira edição do ano (nº 35), a seção intitula-se “Publica-se todos os dias, com exceção dos dias de semana”. A diagramação tem característica histórica, parecendo um papel envelhecido, com figuras de época (vide anexo 1) e o texto começa da seguinte forma: “Primeiro jornal ilustrado do Rio Grande do Sul, A Sentinella do Sul na segunda metade do século 19 e revelou não apenas alguns dos melhores jornalistas da época, como Eudoro Berlink e Carlos von Koseritz, mas também marcou o início da charge no Rio Grande do Sul, pela pena de Inacio Weingartner.”

Itens como “século 19”, “melhores jornalistas da época”, “início da charge no Rio Grande do Sul” marcam precisamente a tendência histórica da seção. As demais publicações do ano seguem o mesmo espírito, em termos tanto textuais quanto de diagramação, como na edição 40, com o título “Para quem não viu o Zeppelin” e em que o texto começa assim: “Durante 70 anos, permaneceu guardado na casa do contabilista Bruno Hermann um acervo de cerca de mil fotografias, feitas por seu pai na Porto Alegre dos anos 30.”

Ao contrário de “Kaleidoscópio”, a seção “Livros” aparece em todas as edições ao longo dos 3 anos analisados, não só em 2002. Ela ocupa 2 páginas e está localizada ao final de cada revista, nas duas páginas que antecedem à seção “Kaleidoscópio”. A seção “Livros” trata do lançamento ou de indicação de leituras, possuindo 2 matérias, sem localização geográfica determinada na maioria das vezes – já que, em se tratando de publicações literárias, torna complexo delimitar uma localização geográfica exata. Tanto que, dentre as 19 matérias da seção presentes nas 9 edições de 2002, 16 correspondem à classificação de “Geral”, e apenas 3, de “Porto Alegre: “A vida na província” (nº 40, p.40), “Um serial killer em Porto Alegre” (nº 42, p.44), e “Pro Faraco!” (nº 43 – retrospectiva –, p.48).

Outra seção fixa é “Spot”, que aparece em todas as edições de 2002, repetidas vezes em cada uma delas, como é o caso da edição 35, onde a seção aparece nas páginas 16, 29 e 34, ocupando toda a página com várias notas culturais (vide anexo 2). “Spot” possui uma tendência a ser uma seção de agenda, falando de eventos que aconteceram ou acontecerão, publicações e breves informes culturais. Os textos são curtos, informações breves e objetivas, mas não tão sucinto quanto as seções comuns de agenda (onde encontramos apenas data, local e atração do evento): em “Spot”, encontramos certa adjetivação e atribuição de juízo de valor, além de gravuras, ilustrações e/ou fotos. Por exemplo, na seção “Spot” da edição 37 (p. 10) há 5 notas, 4 delas com tendência à agenda, como demonstram os trechos a seguir:

- “Sesi, cinco anos de sucesso”, sobre show comemorativo de João Bosco: “O teatro do Sesi, uma das mais modernas casas de espetáculo da América Latina, comemorou seus cinco anos de existência em grande estilo. João Bosco fez show no dia 25 de maio acompanhado apenas por seu violão”.
- “De pés no chão”, a respeito de espetáculo de dança contemporânea de Ana Guasque: “A coreógrafa Ana Guasque convida o espectador a assistir a seu novo espetáculo de pés

descalços. (...) Depois de algumas apresentações em maio, na sala Álvaro Moreira, a peça deve voltar no segundo semestre do ano”.

- “Isolada de tudo”, um espetáculo no Teatro de Câmara Túlio Piva, em Porto Alegre: “Adaptação de um conto do escritor norte-americano Ray Bradbury, o espetáculo teatral *Assassino* volta aos palcos. (...) Até 30 de junho, no Teatro de Câmara Túlio Piva (Rua da República, 575), em Porto Alegre.

- “Theatro São Pedro volta às obras”, única nota que não possui características de agenda, e que fala sobre a tomada das construções do Theatro.

- “Haja Fôlego”, turnê da companhia irlandesa de dança *Magic of the Dance*: “Porto Alegre verá, nos dias 28, 29 e 30 de junho, alguns dos mais ágeis dançarinos de sapateado do mundo. É a companhia irlandesa *Magic of the Dance*, que está em turnê mundial”.

Podemos perceber, nesta seção, uma ligação muito forte com a capital, Porto Alegre, apesar da proposta de abrangência estadual a que a revista *Aplauso* se propõe. Conforme se pode perceber nos exemplos acima, todas as 5 matérias são de abrangência “Porto Alegre”, o que não destoia das outras revistas do ano de 2002. Dentre as 103 notas publicadas na seção “Spot” durante o ano de 2002, a grande maioria se enquadra na classificação “Porto Alegre” (67), enquanto 19 são de alcance “Estadual”, 7 de “Geral”, 4 de “Nacional”, somente 3 de “Internacional” e outras 3, de “Interior”.

Tabela 1: Análise quantitativa da sessão “Spot” de 2002.

Revista	Nº de Spots	Geral	Internacional	Nacional	Estadual	Porto Alegre	Interior
35	11	-	2	1	2	6	-
36	14	3	-	-	2	8	1
37	16	-	-	1	3	12	-
38	9	-	-	-	1	7	1
39	9	1	-	-	1	6	1
40	11	1	-	-	4	6	-
41	10	-	-	1	2	7	-
42	12	1	-	1	3	7	-
43	11	1	1	-	1	8	-
SOMA	103	7	3	4	19	67	3

Esses números confirmam que, na seção “Spot” da revista *Aplauso*, existe uma forte tendência de publicação voltada à capital. Levando em conta que a redação da *Aplauso* está endereçada em Porto Alegre (Rua dos Andradas, 1001, sala 1402), este fenômeno pode vir ocorrer devido à proximidade dos eventos e a facilidade de produção das pautas com pouco deslocamento. Além disso, a capital gaúcha, como as demais

capitais brasileiras, possui uma vida cultural muito mais agitada do que a do cenário interiorano.

Outra característica que demonstra o quanto a revista esta arraigada em Porto Alegre, ainda em “Spot”, são os lapsos textuais de localização, ou seja, em muitos momentos o jornalista responsável pela seção dá o endereço de algum evento, mas não diz em que cidade acontece. Esse é o caso da nota “Sutilezas” (nº 41, p.19): “Ouro, prata e cobre são as 3 tonalidades que predominam nas obras recentes da artista plástica Gladys Geyer, em exposição na Galeria Marisa Soibermann (R. Castro Alves, 101), até 19 de outubro. A mostra, intitulada *Sutilezas*, joga principalmente com as impressões do público, já que o aspecto das obras se transforma dependendo do ângulo em que são observadas. Como resultado, Gladys obteve 40 telas em acrílico que revelam a complexidade de sua linguagem pictórica por meio da simplicidade”

O texto acima está na íntegra, e, como podemos notar, existe uma lacuna de informação: em que cidade está localizada a Galeria Marisa Soibermann? Pesquisando em um *site* de busca na internet, eu (leitora que reside no interior do estado) descobri que a Galeria citada localiza-se em Porto Alegre. Um leitor que reside na região metropolitana talvez conseguisse identificar de imediato a localização do evento, enquanto o público interiorano que não frequenta periodicamente a capital certamente teria dificuldades nesse sentido.

Esse tipo de lapso não é exclusividade do exemplo citado. Ao longo do ano de 2002, isso se repete várias vezes. Veja, a seguir, a relação de matérias em que ocorre o mesmo problema com localização:

- Edição 35: “Ospa volta com Araújo Viana e Luiz Cosme” (p.16); “Olhares sobre o feminino” (p.29).
- Edição 36: “Seminário na Terreira” e “Imperdível” (ambas na página 14); “Waltercio Caldas e suas metáforas visuais” (p.31).
- Edição 37: “Sesi, cinco anos de sucesso”, “De pés no chão” e “Theatro São Pedro volta às obras” (todas na página 10); “Laranjice” (p.29).
- Edição 38: “Jantar indigesto” (p.35).
- Edição 39: “Imperdíveis” (p.31).
- Edição 40: “De cara nova” e “Desenhos nunca vistos” (ambas na página 20); “Novo Museu” (p.36).
- Edição 41: “A elegância de Piza”, “Prêmio para o Museu Iberê Camargo” e “Releituras de Freud” (todas na página 33) – além da já citada “Sutilezas” (p.31).

- Edição 42: “Um ano de Fotogaleria” (p.31).

Apenas a edição 43 (retrospectiva) assinalou a localização exata de todos os eventos. Alias, nesta edição existe uma preocupação muito maior da *Aplauso* em abranger todo o estado, mais do que nas demais revistas do ano, mesmo tendo mais matérias que classifico como “Porto Alegre”.

Na edição de retrospectiva, a abrangência “Estadual” possui 9 matérias, enquanto “Porto Alegre” contém 11. Porém, as reportagens maiores, com maior valor de espaço e conteúdo, falam do estado como um todo, enquanto as sessões de “Spot” se mantêm majoritariamente porto-alegrense. Por exemplo, as matérias de capa “Arte Marginal” (p.12) e “O melhor de 2002 e o que vem por aí em 2003” (p.39), ocupando respectivamente 6 e 9 páginas, possuem abrangência estadual. Já das 11 matérias de “Porto Alegre” na retrospectiva de 2002, 8 são de “Spot” (vide tabela 1) ocupando apenas um parágrafo da seção.

Tabela 2: Análise quantitativa de 2002.

Revista	Geral	Internacional	Nacional	Estadual	Porto Alegre	Interior
35	3	3	1	6	11	-
36	6	-	1	7	11	4
37	4	1	1	6	17	-
38	3	-	2	3	10	2
39	4	1	-	5	10	4
40	3	1	-	8	11	2
41	2	1	3	9	11	-
42	5	-	1	5	15	-
43 (retrospectiva)	3	2	-	9	11	-
SOMA	33	9	9	58	107	12

Ao longo das edições analisadas de 2002, notei uma forte tendência por parte da revista *Aplauso* em executar pautas da região metropolitana, fugindo do seu propósito de ser uma revista gaúcha de cultura, que portanto deveria abranger o estado como um todo. Como mostram os números da tabela 2, o periódico oscila entre estado e capital, deixando praticamente abandonado o interior do Rio Grande do Sul, ganhando apenas 12 matérias ao longo de todo ano de 2002.

2006

A primeira capa de 2006 exprime exatamente o foco cultural do ano: “Mario Quintana. Luz sobre o poeta. No ano do seu centenário, homenagens instigam o público a descobrir um novo Quintana”. A matéria de capa da edição 72, com 8 páginas, não é o único tributo prestado a Quintana: ao longo do ano, fixa-se uma seção chamada “As

faces de Quintana”, publicada a partir da segunda edição do ano (nº 73) e indo até a última, a de retrospectiva (nº 81).

A seção extraordinária “As faces de Quintana” ocupa 2 páginas, uma estampada de texto e a outra, de fotos (vide anexo 3), e o seu conteúdo vai traçando, nas primeiras edições, o perfil biográfico do poeta, como é o exemplo da matéria “O guri do Alegrete” (nº 73, p.22), que fala da infância de Quintana. Mais adiante, a ênfase é para características da sua obra, tal como ocorre na edição 75, página 12, através da matéria “O poeta moderno?”. Na primeira edição da série (nº 73, p.22), o cabeçalho da matéria já anuncia o que podemos esperar para a seção durante o restante do ano: “Ao longo desta e de mais dez edições, APLAUSO vai esboçar um perfil de Mario Quintana, destacando características marcantes de sua vida e obra. Inaugurando a série, um retorno à infância, fundamental na formação da personalidade do poeta”. A atenção sobre o poeta por parte da *Aplauso* é de certa forma previsível, já que a figura de Quintana é fortemente ligada ao Rio Grande do Sul e, principalmente, a Porto Alegre.

Ao longo de 2006, foram publicadas 10 edições (incluindo a retrospectiva) da revista *Aplauso*, havendo paridade com o número de revistas lançadas em 2002 (9). No comparativo com 2002, as seções Artes Plásticas, Entrevista, Imago, Spot, Galeria, Capa, Stereo, Cinéfilo, Fotografia, Artigo, Livros, Marketing, Música, Espaço Cultural, Literatura, Palco, Especial, Memória, Dança, Teatro, Informe Especial e Artes Cênicas permaneceram. Foram excluídas as seções De Perfil, Patrimônio Histórico, Kaleidoscópio, Reportagem Especial, Ópera, Gastronomia, Santander Cultural e Livre Pensar. E entraram as seções Arte farroupilha, As faces de Quintana, Cinema, Perfil, Erudito, História e Bis. Sem falar em muitas seções instáveis, que aparecem somente em uma única edição, como é o caso das páginas de Ensaio, Ciência Política e Arquitetura (somente no nº 80), Poesia e Idéias (nº 81), Política Cultural (aparece só na revista 74), Inédito e Réplica (nº 75), Evento (nº 78) e Antropologia (nº 79).

Como em 2002, a seção “Livros” continua fixa em todo o ano de 2006, aparecendo ao longo das 10 revistas. Desta vez, com o fim da sessão “Kaleidoscópio”, substituída na última página pela sessão “Bis”, as duas páginas de “Livros” passaram a se localizar ao fim de cada revista, antecedendo da página de “Bis”.

A seção “livros” continuou apresentando 2 matérias, com lançamentos de livros e indicações de leitura. Desta forma, a tendência de classificação “Geral” desta seção igualmente se mantém, não havendo localização geográfica determinada na maioria das vezes.

Dentre as 10 edições de 2006, verifica-se 20 matérias na sessão “Livros”, dentre as quais somente 6 matérias não se enquadra na classificação de “Geral”. Destas 6 matérias, 3 são de classificação “Estadual”: “Retratos falantes da alma polonesa” (nº 76, p.49), “Simões por Schlee” (nº 77, p.49), e “A arte de narrar futebol” (nº 79, p.49). Para completar, temos ainda 1 matéria em nível de Brasil (“Um testemunho sobre censura no Brasil” – nº 78, p.48), 1 de abrangência “Internacional” (“Desvendando o colombiano” – nº 78, p.49), e, por fim, 1 de classificação “Interior” (“O último da trilogia” – nº 81 (edição de retrospectiva), p.64).

Ou seja, das 20 matérias, 14 são de abrangência “Geral”, seguindo a tendência de 2002, conforme demonstra o seguinte trecho da matéria “Para entender Noam Chomsky” (nº 73, p.49): “Há algumas coisas que você deve saber a respeito de Noam Chomsky. Primeiro: para ele, o maior inimigo de um estado é a sua própria população. (...) Outra: na tarefa de lobotomizar o povo, vale tudo. (...) Finalmente, uma informação crucial sobre Chomsky: Ele odeia os Estados Unidos. Pronto, agora você pode abrir o livro Para Entender o Poder – O Melhor de Noam Chomsky sabendo mais ou menos onde a leitura vai dar”.

Ocupando a última página da revista, entraram, no lugar da antiga “Kaleidoscópio”, outras seções. Nas duas primeiras edições de 2006 (72 e 73), aparece a sessão “Traço”, que consiste em uma página de desenhos e charges. Na edição 72, a charge foi produzida por Diego Medina (vide anexo 4), enquanto na edição 73 o desenho foi de autoria de Roberto Winck (vide anexo 5). Nenhuma das edições recebe classificação de abrangência (“Geral”, “Internacional”, “Brasil”, “Estadual”, “Porto Alegre” ou “Interior”), pois nestes casos específicos os desenhos não representam uma localização exata e nem exprimem regionalismo.

Da edição 74 até a 81 a seção “Traço” é substituída pela seção “Bis”, de subtítulo “vale a pena ler de novo”, o que denota um viés de retrospectiva histórica. Possui um visual de páginas envelhecidas (tal qual a seção “Kaleidoscópio”) e trechos segmentados (vide anexo 6). O seu conteúdo se divide entre frases ditas que merecem lembrança (como sugere o subtítulo) e notinhas com característica de “Spot”. Veja os exemplos da edição 76:

- ““ É o que precisamos, profissionalizar a atividade, dar subsídios, domínios e técnicas. Retirar os aspectos monárquicos, de que a leitura é para alguns eleitos. A inspiração vem com muito esforço e disciplina. É evidente que a verdadeira vocação terá mais facilidades de vir à tona na universidade. Não seremos uma fábrica de escritores,

seremos uma orquestra, com cordas, metais e sopros de linguagem, para valorizar a diferença”. Fabrício Carpinejar, poeta, sobre o mesmo curso da Unisinos, do qual será coordenador, n’O Globo de 03/06/2006” (p.50).

- “O compreendido projeto do Google que prevê a digitalização de livros para a criação de uma biblioteca virtual mal foi lançado e já ganhou muitos inimigos. Em junho, a La Martinière, maior editora francesa, aliou-se a outros 3 grandes grupos editoriais e acionou judicialmente a mega empresa de internet, alegando “violação do direito de propriedade intelectual”. Embora incipiente, o projeto Google para Pesquisa de Livros já disponibilizou trechos de diversos volumes editados nos EUA e na Europa. No Brasil, o Google anunciou estar atrás de editoras parceiras que disponibilizem trechos de suas obras. Para saber como o projeto funciona, visite www.books.google.com” (p. 50).

O primeiro exemplo usa a frase de uma personalidade influente no tema para deixar o leitor a par dos acontecimentos, ao passo que o segundo tem caráter noticioso e segue a linha de publicação da sessão “Spot”. Esta disparidade na linha editorial da seção se estende pelas edições 74, 75, 76, 77 e 78. Já nas edições 79, 80 e 81, muda a aparência da página, incluindo o logo da sessão (vide anexo 7), e também o perfil editorial, optando somente por publicar as frases importantes e eliminando as notinhas com caráter de “Spot”. Optei, também, por não atribuir classificação de abrangência nesta seção, por se tratar de uma página um tanto díspar, o que não acrescentaria na amostragem quantitativa de localização geográfica.

Ao contrário, a série especial “Arte Farroupilha” materializa explicitamente a abrangência estadual da revista *Aplauso*, tanto que classifico todas as matérias desta série como “Estadual”. Aparecendo apenas nas 3 primeiras edições do ano de 2006 (72, 73 e 74), a seção se dedica em suas 4 páginas a falar sobre a Revolução Farroupilha, obviamente com fortíssima tendência a história gaúcha e sempre ligada à cultura do estado: “As páginas de inúmeros jornais gaúchos, tanto republicanos quanto liberais, difundiram desde poemas e crônicas sobre a guerra farrapa até ofensas no sentido pessoal. Na última reportagem da série sobre a arte produzida com base na revolta, um passeio pela crônica ideológica do século 19” (nº 74, p.42).

A seção “Spot” em 2006 mantém a mesma estrutura física das edições de 2002, com textos curtos, informações breves e objetivas, além da diagramação segmentada, por tratar de vários textos na mesma página (vide anexo 8). Sustenta também a tendência a ser uma seção de agenda, falando de eventos que aconteceram ou acontecerão, publicações e breves informes culturais, tal qual em 2002. Veja o exemplo

a seguir de matéria “Tudo o que não é convencional” (nº74, p.13): “Propor novas formas de ver e julgar o cinema é a tarefa do 3º CineEsquemaNovo – Festival de Cinema de Porto Alegre, que acontece de 8 a 14 de maio, em diversos espaços da cidade. Foram selecionados mais de 120 trabalhos, distribuídos em três mostras competitivas e outras paralelas. Ao contrário de outros festivais, o CEN não faz distinção de bitolas ou formatos: filmes em 35mm (...) competem com produções em Super-8 ou digitais. Participam, este ano, trabalhos de artistas de 12 Estados e de brasileiros residentes no exterior. Surpresa, experimentação, criatividade e inovação são as bandeiras levantadas pelo evento”.

Por outro lado, a seção “Spot” deste ano se diferencia das edições de 2002 em questão de números. Enquanto nas 9 edições do primeiro ano analisado tivemos 103 notas/matérias, nas 10 edições do segundo ano tivemos apenas 66. Amadurecendo a linha editorial, algumas folhas aparecem mais “limpas”, com apenas 2 notas por seção (vide anexo 9).

Mas o grande diferencial da seção “Spot” de 2006 com relação a 2002 diz respeito a uma forte diminuição do predomínio de notas voltadas à capital. Enquanto em 2002 a grande maioria das matérias desta sessão tratava de Porto Alegre (vide tabela 1), agora esta diferença está menor, ainda que permaneça um certo predomínio da abrangência metropolitana. Se em 2002, das 103 matérias de “Spot”, 67 eram de abrangência “Porto Alegre”, 19 “Estadual”, 7 “Geral”, 4 “Nacional”, 3 “Internacional” e 3 “Interior”, em 2006 esta discrepância diminui: das 66 matérias, 30 são voltadas a “Porto Alegre”, 18 são de abrangência “Estadual”, 8 “Nacional”, 7 “Geral”, 2 “Interior” e apenas 1 “Internacional”. Veja a tabela abaixo:

Tabela 3: Análise quantitativa da sessão “Spot” de 2006.

Revista	Nº de Spots	Geral	Internacional	Nacional	Estadual	Porto Alegre	Interior
72	2	-	-	-	2	-	-
73	7	1	-	1	2	3	-
74	9	1	-	1	3	4	-
75	6	-	-	2	1	2	1
76	6	1	-	1	1	3	-
77	10	1	-	1	3	5	-
78	11	1	-	2	3	4	1
79	5	-	-	-	1	4	-
80	4	-	-	-	1	3	-
81	6	2	1	-	1	2	-
SOMA	66	7	1	8	18	30	2

Do mesmo modo, diminuiu o número de matérias em “Spot” com lapsos textuais de localização, prática muito comum nas sessões de 2002. Agora, as notas porto-alegrenses aparecem melhor demarcadas. Aquelas em que consta apenas o endereço sem a cidade são apenas 6, presentes em 5 revistas. É o caso da nota “Índios Urbanos” (nº73, p.12): “Não há bebês rechonchudos e saudáveis na instalação da fotógrafa Isabella Carnevale, *Kaigans*, que pode ser vista até 23 de abril, na Usina do Gasômetro. Com suas lentes voltadas para os índios, ela focou seu estudo na aldeia Kaingang de Porto Alegre, instalada na Lomba do Pinheiro, tratando especialmente da adaptação das crianças à dura realidade urbana”.

O trecho citado diz o endereço onde ocorre a instalação fotográfica (Usina do Gasômetro), mas não explicita que o prédio se localiza na capital gaúcha. Como falei no capítulo anterior, o leitor que reside na capital tem maior facilidade em reconhecer o endereço citado, enquanto pode acontecer de o público interiorano de *Aplauso* não constatar isso de imediato, mesmo em se tratando de um lugar célebre. Isso mostra a tendência de abrangência metropolitana. Mesmo que em 2006 estes lapsos geográficos aconteçam em menor número com relação a 2002, ainda aparecem em:

- Revista 73: a já citada matéria “Índios Urbanos” (p.12).
- Revista 76: “Arte nas quatro linhas” e “Hamlet somos nós” (página 25, ambas).
- Revista 78: “Cildo Meireles homenageado?” (p.13).
- Revista 79: “Arte nos jardins” (p.35).
- Revista 80: “Gheno Poe ele mesmo” (p.25).

Estes índices reduzidos (ao menos em comparação com 2002) mostram uma preocupação maior de *Aplauso* em abranger todo o estado, desenraizando um pouco da capital Porto Alegre. Aliás, esta é uma preocupação recorrente ao longo de todas as revistas de 2006, mostrar-se territorialmente gaúcha, mesmo ainda não alcançando o interior de forma mais satisfatória. Veja os números da tabela de análise quantitativa do ano de 2006:

Tabela 4: Análise quantitativa de 2006.

Revista	Geral	Internacional	Nacional	Estadual	Porto Alegre	Interior
72	5	-	-	7	4	1
73	4	-	1	9	8	1
74	5	-	4	6	9	1
75	7	-	6	5	7	1
76	4	1	4	6	7	-
77	6	1	2	8	11	1
78	2	1	6	7	8	5
79	4	-	1	5	11	1
80	4	-	1	4	12	2
81 (retrospectiva)	4	2	4	7	7	1
SOMA	45	5	29	64	84	14

As matérias de alcance porto-alegrense ainda são maioria neste ano analisado, mas a diferença entre os números das classificações “Porto Alegre” e “Estadual” caem consideravelmente em comparação a 2002, onde *Aplauso* se comporta majoritariamente de forma metropolitana (vide tabela 2).

Podemos usar como exemplo a revista 81 de retrospectiva. A maioria das matérias trata do estado como um todo (7 matérias) e da capital Porto Alegre (também 7). Igualando as duas abrangências, a revista dá uma sensação de alcance mais equilibrado em 2006, sem inclinações tão acentuadas para um lado ou para outro. A retrospectiva de 2006, do mesmo modo, não apresenta grande discrepância com os números constatados ao longo do ano: pouca ou nada de abordagem interiorana, enquanto o estado (tratado como um todo) e a capital dividem a grande maioria das matérias.

Enfim, em 2006 a revista *Aplauso* consegue alcançar com maior êxito do que em 2002 a sua proposta original de ser uma revista gaúcha de cultura.

2010

Diferentemente dos dois anos abordados anteriormente, em 2010 foram lançadas somente 5 edições, mas optei por incluir nesta análise a edição 110 – retrospectiva de 2010, mas lançada em 2011.

Ao longo dessas 6 edições (105 a 110), houve pouca variação nas seções em comparação com 2002 e 2006. Mantiveram-se as sessões de Entrevista, História, Ensaio, Arte, Spot, Imago, Teatro, Palco, Música, Stereo, Especial, Cinéfilo, Literatura, Livros, Cinema, Artes Plásticas, Inédito, Memória, Artigo e a matéria clássica de

retrospectiva dos anos anteriores. Surgiu apenas uma nova seção: a série especial “Memorial Igrejas RS”.

Esta seção aparece ao longo das 6 edições analisadas, com profundo caráter histórico. A diagramação tem aparência extremamente limpa e moderna, com o uso de fotos grandes em bastante quantidade (vide anexo 10). Sua temática é definida pela própria revista, já na primeira matéria da série: “APLAUSO começa a contar, a partir desta edição, a história social e cultural do Rio Grande a partir da construção de seus primeiros templos católicos” (nº 105, p.38).

Ocupando de 4 a 6 páginas, essa série especial possui abrangência obviamente em nível de Rio Grande do Sul como um todo, conforme sugere o título. As reportagens de “Memorial Igrejas RS” das revistas 105, 106, 107 e 109 classifico como “Estadual”, a matéria da revista 108 abrange o “Interior” e a matéria da retrospectiva 110 trata de “Porto Alegre”.

Já a seção “Livros” continua com a tendência de publicar matérias sem localização geográfica definida, o que classifico como “Geral”. Ela mantém-se fixa em todas as sessões do ano, com diagramação e características textuais muito parecidas às de 2002 e 2006. Mas em 2010 aparecem matérias com abrangências diversas: 5 matérias eu classifico como “Geral”, 3 como “Internacional”, 1 como “Interior”, 1 como “Nacional” e 1 como “Estadual”. Estes números são relevantes, já que nos anos anteriores a grande maioria das matérias na seção “Livros” classificava-se como “Geral”.

Em 2010, além da redução da quantidade de revistas, percebe-se também uma diminuição do número de matérias por edição – o que resulta, por sua vez, em um visual mais “limpo”. Na seção “Spot”, por exemplo, foram publicadas apenas 41 notas, diferentemente de 2006 (66 notas) e mais ainda de 2002 (103 notas). O comportamento da seção “Spot” em 2010 foi muito semelhante ao de 2002, mostrando uma forte tendência de publicação metropolitana. Conforme pode ser percebido na tabela abaixo, das 36 notas publicadas ao longo do ano, 27 são voltadas a “Porto Alegre”, 6 ao “Interior”, 4 a “Estadual”, 2 a “Geral” e a “Nacional” somente 1 em “Internacional”.

Tabela 5: Análise quantitativa da sessão “Spot” de 2010.

Revista	Nº de Spots	Geral	Internacional	Nacional	Estadual	Porto Alegre	Interior
105	6	-	-	1	-	3	2
106	5	1	1	-	-	3	-
107	6	-	-	-	2	4	-
108	7	1	-	-	-	5	1
109	9	-	-	-	1	7	1
110	9	-	-	1	1	5	2
SOMA	41	2	1	2	4	27	6

Surge aqui uma novidade: a abrangência “Estadual” teve muita pouca abordagem (aparece apenas 4 vez), ao contrário de 2002 e 2006, em que o “Interior” é que ficava abandonado e – notadamente em 2006 – o alcance estadual competia, em números, com a capital. Em 2010, fica muito claro a disposição da seção “Spot” de publicação voltada a Porto Alegre, inclusive no que diz respeito aos lapsos de localização, o que acontece em vários momentos, como na matéria “A natureza viva de Gilmar Francisco” (nº 105, p.18): “O artista plástico Gilmar Francisco mostra até 28 de fevereiro, na Tortaria Café Brasserie (Rua Fernando Gomes, 114), a exposição 2010 – *Natureza Viva*. Nas oito telas pintadas com acrílico, Gilmar mostra o seu modo de orquestrar as cores, as formas e os detalhes e deixa transparecer o inconformismo – principalmente com as questões ambientais. As paisagens são abstratas, como uma espécie de brincadeira em referência a um tema bastante recorrido pelos pintores – a natureza morta. “A exposição mostra a esperança mundial de avançar nos protocolos de preservação ambiental, já que nos frustramos com a recente COP15”, explica Gilmar. A galeria fica aberta de terça a domingo, a partir das 17h”.

O texto acima está na íntegra, e como podemos notar existem lacunas de informações, não assinalando em que cidade está a Tortaria Café Brasserie (Rua Fernando Gomes, 114). Esses lapsos de localização ocorrem em 9 matérias ao longo das 6 edições analisadas em 2010, superando as 6 de 2006:

- Revista 105: “Verão com oficinas na FIC”, a já citada matéria “A natureza viva de Gilmar Francisco” (ambas na página 18) e “MAC mostra acervo de pinturas” (p.26).
- Revista 106: “Leonardo da Vincci no MARGS” (p.31).
- Revista 107: “Arte abstrata na FIC” e “Dose dupla no MARGS” (ambas na página 29).
- Revista 108: “Relembrando Iberê” (p.35).
- Revista 109: “O POP ART de Henrique Fuhro” (p.31).
- Revista 110: “Um festival se despede...” (p.45).

Por mais que a sessão “Spot” seja majoritariamente voltada para a publicação metropolitana, em 2010 a revista *Aplauso* como um todo se assemelha muito com os números de 2006 (vide tabela 4), onde não há grande discrepância entre a abrangência “Estadual” e “Porto Alegre”. Como exprime a revista 110 de retrospectiva, os números entre as abrangências do estado e da capital são bem próximos. Veja tabela a seguir.

Tabela 6: Análise quantitativa de 2010.

Revista	Geral	Internacional	Nacional	Estadual	Porto Alegre	Interior
105	2	1	6	3	7	3
106	2	3	1	5	7	-
107	2	2	2	6	8	1
108	3	-	-	4	8	5
109	3	-	3	7	7	3
110(retrospectiva)	-	2	3	7	9	2
SOMA	12	8	15	32	46	14

Considerações Finais

Após a análise, é possível verificar a relação da revista *Aplauso* com as classificações geográficas propostas nesta pesquisa: Geral, Internacional, Nacional, Estadual, Porto Alegre e Interior. E, ainda, o comportamento da revista em seções específicas.

Dentre os 3 anos analisados, 2002 foi aquele em que *Aplauso* lançou maior número de matérias voltadas à capital Porto Alegre (107 matérias com abrangência metropolitana, contra apenas 58 estaduais). Já em 2006 houve uma preocupação maior em abranger o Rio Grande do Sul como um todo, com um maior equilíbrio entre as matérias de cunho “Estadual” e aquelas voltadas a “Porto Alegre”, mesmo ainda permanecendo um predomínio desta última (84 a 64). Por fim, nas poucas edições de 2010 também houve maior paridade entre capital e estado (46 a 32). O interior, por sua vez, com seus municípios e regiões, foi pouco abordado ao longo dos 3 anos analisados – 12 vezes em 2002, 14 em 2006 e outras 14 em 2010. Da mesma forma, as 3 retrospectivas se mostram mais preocupadas do que as edições “normais” em abordar a cultura do estado como um todo.

Retomando de forma mais específica o comparativo entre as classificações “Estadual” e “Porto Alegre”: em 2002, o número de matérias voltadas ao estado como um todo não superou em nenhuma edição o número de matérias voltadas à capital. Em 2006, o estado superou apenas 2 vezes a região metropolitana em espaço, empatando

uma vez na retrospectiva (edição 81). Em 2010 e suas poucas 6 revistas, encontrei apenas 1 empate – na edição 109. Apesar disso, deve-se levar em conta que, em muitos momentos, o estado ganha maior espaço como matéria de capa, e a capital apenas “spot” (uma notinha de um parágrafo). Por exemplo, a matéria “Saravá tche”, capa da edição 78 (2006) e que ocupa 5 páginas de seu interior.

Ainda assim, apesar de todas as variações relatadas nesta pesquisa, de um modo geral é notório o predomínio de matérias voltadas a Porto Alegre, capital do estado e cidade onde a revista *Aplauso* encontra-se sediada. A ponto de, em alguns momentos da seção “Spot”, por exemplo, o apego à metrópole se dá a tal ponto que é mencionado apenas o endereço do evento, esquecendo-se de dizer a cidade, no caso Porto Alegre. Só na primeira revista de 2010, edição 105, esses lapsos de localização aparecem 3 vezes.

Respeitando o público segmentado a que se propõe, e apesar de as temáticas serem amplas (de futebol a Teixeira), a revista *Aplauso* se manteve com foco na cultura do estado do Rio Grande do Sul (predomínio porto-alegrense à parte) ao longo dos 3 anos analisados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

HOFFMANN, Anita Gonçalves. **A cultura levada a sério**: a construção do *ethos* e do *pathos* na Revista Bravo!. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Novo Hamburgo – RS 17 a 19 de maio de 2010.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2007.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2006.

STRELOW, Aline da Amaral Garcia. **Análise Global de periódicos jornalísticos (AGPJ)**: Uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso. Tese de Doutorado em Comunicação Social, Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2007.

VILAS BOAS, S. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus Editorial, 1996. Coleção novas buscas em comunicação.

A Revista. Disponível em: <<http://www.apluso.com.br/site/portal/apluso.asp>>. Acesso em: 31 out. 2010.

APÊNDICE I - Decupagem das revistas de 2002

Revista 35 – Capa “Elis”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Artes Plásticas	De Magia e Movimento	1 pg.	POA
7	Entrevista	A hora e a vez do poeta	3 pg.	Geral
10	Imago	Alicia D’Amico	2 pg.	Internacional
13	Especial	Sebos Musicais	4 pg.	POA
16	Spot	A Imagem do Som	¼ pg.	Nacional
16	Spot	Gregos e Troianos	¼ pg.	POA
16	Spot	Primeiro Lugar	¼ pg.	Estadual
16	Spot	Ospa volta com Araújo Viana e Luiz Cosme	¼ pg.	POA
17	Galeria	Toda a liberdade de Paulo Peres	3 pg.	Estadual
22	Capa	Essa Mulher	7 pg.	Estadual
29	Spot	Quase clássicos	½ pg.	Internacional
29	Spot	Olhares sobre o feminino	½ pg.	POA
30	Patrimônio Histórico	Um século em reconstrução	4 pg.	POA
34	Spot	Tempo de descobertas	1/5 pg.	POA
34	Spot	Homenagem a Vasco Prado	1/5 pg.	POA
34	Spot	Rumo a Paris	1/5 pg.	Internacional
34	Spot	O ano de Sylvie Guillen	1/5 pg.	POA
34	Spot	Muda o Conselho Estadual de Cultura	1/5 pg.	Estadual
35	Stereo	Do que estamos perdendo	1 pg.	POA
36	Cinéfilo	Preservar para conhecer	2 pg.	Estadual
38	Fotografia	Porto Alegre em preto-e-branco	1 pg.	POA

39	Artigo	Hilda Hilst, enfim clássica	1 pg.	Nacional
40	Livros	Voz às entrelinhas	1 pg.	Geral
41	Livros	Sem açúcar, mas com bom humor	1 pg.	Geral
42	Kaleidoscópio	Publica-se todos os dias, com exceção dos dias de semana	1 pg.	Estadual

Revista 36 – Capa “Bailões”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
7	Entrevista	Abu, à ponta de faca	3 pg.	Nacional
10	Marketing Cultural	As trilhas do Popular	2 pg.	Estadual
12	Stereo	Hora de repensar o Prêmio Açoriano de Música	2 pg.	Estadual
14	Spot	A Saga de uma Descasada no Mundo de Malboro	1/6 pg.	POA
14	Spot	Vasco Prado em livro e CD-ROM	1/6 pg.	POA
14	Spot	Arte no aeroporto	1/6 pg.	POA
14	Spot	Seminário na terreira	1/6 pg.	POA
14	Spot	Imperdível	1/6 pg.	POA
14	Spot	Prêmio para o super-8 gaúcho	1/6 pg.	Estadual
15	Dança	A dança vira profissão	3 pg.	Interior
18	Música	Caminhando com Jupiter Apple	2 pg.	POA
20	Imago	Ansel Adams: duas críticas	2 pg.	Geral
24	Capa	Na rota dos bailões	6 pg.	Estadual
30	Espaço Cultural	Por uma cultura de raiz	1 pg.	Interior
31	Spot	Waltercio Caldas e suas metáforas visuais	1/4 pg.	POA
31	Spot	Dança e ativismo social	1/4 pg.	POA

31	Spot	Satisfação garantida	¼ pg.	Geral
31	Spot	By Lygia Clark	¼ pg.	Geral
32	Patrimônio Histórico	Nota 10 em harmonia	4 pg.	Interior
36	Cinéfilo	O primeiro longa de Jorge Furtado	1 pg.	Estadual
38	Especial	Quanto vale o estaleiro	2 pg.	POA
40	Artes Plásticas	De imagens, histórias e cinema	1 pg.	POA
41	Spot	Dois lançamentos, duas dicas	¼ pg.	Geral
41	Spot	O novo conselho	¼ pg.	Estadual
41	Spot	Eu e você	¼ pg.	Interior
41	Spot	Bienal	¼ pg.	POA
42	Memória	A morte de um missionário	2 pg.	Estadual
44	Livros	Um cavalheiro na estante	1 pg.	Geral
44	Livros	Reinventando a crítica	1 pg.	Geral
46	Kaleidoscópio	Dos canhões aos pincéis	1 pg.	POA

Revista 37 – Capa “O Gênio Moleque”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
8	Entrevista	Desenhando o museu do futuro	2 pg.	POA
10	Spot	Sesi, cinco anos de sucesso	1/5 pg.	POA
10	Spot	Isolada de tudo	1/5 pg.	POA
10	Spot	De pés no chão	1/5 pg.	POA
10	Spot	Theatro São Pedro volta às obras	1/5 pg.	POA
10	Spot	Haja fôlego	1/5 pg.	POA
11	Especial	A volta da ousadia	3 pg.	POA
14	Imago	Alguns fotógrafos essenciais	2 pg.	Internacional

16	Galeria	As sementes da volúpia	4 pg.	POA
22	Capa	Moleque genial	6 pg.	Estadual
28	Artes plásticas	Panfletário, político e necessário	1 pg.	POA
29	Spot	Porto Alegre, 1900	1/5 pg.	POA
29	Spot	Revivendo Carlos Scliar	1/5 pg.	POA
29	Spot	Joinville	1/5 pg.	Nacional
29	Spot	Laranjice	1/5 pg.	POA
29	Spot	Conexões	1/5 pg.	POA
30	Música	O último reduto do choro	3 pg.	POA
33	Spot	Causos de fazenda	1/6 pg.	Estadual
33	Spot	Trípticos	1/6 pg.	POA
33	Spot	Para todos	1/6 pg.	Estadual
33	Spot	Dois lançamentos, duas dicas	1/6 pg.	Estadual
33	Spot	Uma guerra em cores	1/6 pg.	POA
33	Spot	Prometeu na era da informação	1/6 pg.	POA
34	De perfil	O homem de todos os papéis	2 pg.	Estadual
36	Stereo	Branças nuvens	1 pg.	Geral
37	Artes cênicas	Respeitável público, o show vai continuar	3 pg.	Estadual
40	Livros	A gênese de um homem sórdido	1 pg.	Geral
40	Livros	A intuição que desvenda a alma	1 pg.	Geral
42	Kaleidoscópio	As tintas da fantasia	1 pg.	Geral

Revista 38 – Capa “O fenômeno do rádio”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
7	Entrevista	Desconstruindo Décio	3 pg.	Nacional

10	Stereo	Um livro para registrar o nascimento da grande geração	1 pg.	Nacional
12	Galeria	A Voz isolada de Karin Lambrecht	5 pg.	POA
17	Spot	Invernada erudita	¼ pg.	POA
17	Spot	Quase inéditos	¼ pg.	POA
17	Spot	Nos passos de Terreira	¼ pg.	POA
17	Spot	Timbres de câmara	¼ pg.	POA
18	Imago	Amarelando	2 pg.	Geral
22	Capa	O fenômeno do rádio	8 pg.	Estadual
30	Artes Plásticas	O essencial é saber ver	1 pg.	POA
31	Especial	Os últimos dos moicanos	4 pg.	POA
35	Spot	A casa das almas	1/5 pg.	POA
35	Spot	Um guia para os museus gaúchos	1/5 pg.	Estadual
35	Spot	Jantar indigesto	1/5 pg.	POA
35	Spot	De malas prontas	1/5 pg.	Interior
35	Spot	Coreografias do lixo	1/5 pg.	POA
37	Artes cênicas	Bonecos também de carne e osso	3 pg.	Interior
40	Livros	A rua que emociona o leitor	1 pg.	Geral
40	Livros	Uma história de amores virtuais	1 pg.	Geral
42	Kaleidoscópio	Partenon de palavras e idéias	1 pg.	Estadual

Revista 39 – Capa “O kikito ainda brilha?”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
7	Entrevista	Apocalipse now	3 pg.	POA
10	Artes plásticas	Plataformas Politicamente corretas	1 pg.	Internacional
12	Reportagem especial	Uma obra, um paradigma	4 pg.	POA

16	Cinéfilo	Uma festa diferente	1 pg.	Estadual
17	Spot	Pasquetti maduro	¼ pg.	POA
17	Spot	Conexão Alemanha	¼ pg.	Estadual
17	Spot	A pior peça do mundo	¼ pg.	POA
17	Spot	A rua da praia	¼ pg.	POA
18	Música	A dama da canção	2 pg.	Estadual
20	Imago	O que não dá para perder	2 pg.	POA
23	Capa	30 anos esta noite	6 pg.	Interior
30	Artigo	Uma história a resgatar	1 pg.	Interior
31	Spot	Portfólio de peso	1/5 pg.	Geral
31	Spot	Imperdíveis	1/5 pg.	POA
31	Spot	Rastros do tempo	1/5 pg.	POA
31	Spot	Novo prêmio para o cinema gaúcho	1/5 pg.	POA
31	Spot	Arte na rua	1/5 pg.	Interior
32	Stereo	Sobre ingênuos malditos e paisagens inóspitas	1 pg.	POA
33	Artes cênicas	Em construção	3 pg.	Geral
36	Especial	Caldeirão de sons	3 pg.	Interior
39	Memória	Sérgio Jacaré, 50 anos e a eternidade	1 pg.	Estadual
40	Livros	Com estilo e sem maneirismo	1 pg.	Geral
41	Livros	A perenidade das coisas	1 pg.	Geral
42	Kaleidoscópio	Augusto Meyer, um gaúcho universal	1 pg.	Estadual

Revista 40 – Capa “Arte e não-arte”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
7	Entrevista	Chega de perfumaria	3 pg.	Interior
10	Especial	Em cena político	4 pg.	POA
14	Stereo	Obra completa de K&K chega enfim ao CD	1 pg.	Estadual
15	Galeria	Precisa e emblemática	3 pg.	POA
18	De perfil	Pinta, borda, chuleia e prega botão	2 pg.	Estadual
20	Spot	Proibido para maiores	1/6 pg.	Geral
20	Spot	Passaporte	1/6 pg.	Estadual
20	Spot	De cara nova	1/6 pg.	POA
20	Spot	Histórias de gaudério	1/6 pg.	Estadual
20	Spot	Desenhos nunca vistos	1/6 pg.	POA
20	Spot	Concurso de dramaturgia	1/6 pg.	POA
22	Capa	Arte e não-arte	7 pg.	Geral
29	Informe especial	Obras do maior artista gaúcho para gaúcho ver	1 pg.	Estadual
30	Cinema	O melhor e o pior de Gramado	2 pg.	Interior
32	Imago	Retratos 3x4 de alguns amigos 6x9	2 pg.	Internacional
34	Artes plásticas	No espaço de Mário Röhnelt	2 pg.	POA
36	Spot	Naquele tempo	1/5 pg.	Estadual
36	Spot	Novo museu	1/5 pg.	POA
36	Spot	4x4	1/5 pg.	Estadual
36	Spot	CIDOC 2002	1/5 pg.	POA
36	Spot	Fragments do tempo	1/5 pg.	POA
37	Artes cênicas	Quem paga o espetáculo?	3 pg.	Estadual
40	Livros	A vida na província	1 pg.	POA

40	Livros	Intolerância	1 pg.	Geral
42	Kaleidoscópio	Para quem não viu Zeppelin	1 pg.	POA

Revista 41 – Capa “Rua da praia”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
7	Entrevista	O filósofo na cidade-shopping	3 pg.	Estadual
12	Palco	Uma parede no meio do caminho	2 pg.	Estadual
14	Especial	Formando os novos leitores	4 pg.	Estadual
18	Stereo	O multiple-X quer diluir as fronteiras	1 pg.	POA
19	Spot	Para todos os gostos	1/6 pg.	POA
19	Spot	Marcas da tradição	1/6 pg.	Estadual
19	Spot	Dance no Bolshoi	1/6 pg.	Nacional
19	Spot	Sutilezas	1/6 pg.	POA
19	Spot	Última turnê	1/6 pg.	Estadual
19	Spot	Cenas urbanas	1/6 pg.	POA
20	Galeria	As portas da identidade	2 pg.	Nacional
22	Cinema	Os (in) compreendidos	1 pg.	Estadual
24	Capa	Rua da praia	8 pg.	POA
32	Ópera	O eterno dilema da ópera	1 pg.	POA
33	Spot	A elegância de Piza	1/4 pg.	POA
33	Spot	Memórias do subsolo	1/4 pg.	POA
33	Spot	Premio para o Museu Iberê Camargo	1/4 pg.	POA
33	Spot	Releituras de Freud	1/4 pg.	POA
34	Imago	Alguns fotógrafos essenciais	2 pg.	Internacional
36	Memória	O legado de um pensador	1 pg.	Nacional

37	Artes cênicas	O dilema dos festivais de dança	3 pg.	Estadual
40	Cinéfilo	Um voto de confiança	1 pg.	POA
41	Artigo	Transgredir fronteiras	1 pg.	Geral
42	Teatro	O pagador na estrada	2 pg.	Estadual
44	Livros	Novos ventos sobre a sonolência do pampa	2 pg.	Geral
46	Kaleidoscópio	A madrugada da eternidade	1 pg.	Estadual

Revista 42 – “Capa O homem, a lenda, o mito”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
7	Entrevista	É preciso ser universal	3 pg.	POA
10	Stereo	Os guetos negros vão sendo rompidos	1 pg.	Estadual
11	Spot	Belle Époque no Margs	1/6 pg.	POA
11	Spot	30 segundos	1/6 pg.	Geral
11	Spot	Homenagem a Tony Petzhold	1/6 pg.	Estadual
11	Spot	Intervenção fotográfica	1/6 pg.	POA
11	Spot	Prêmio para longas-metragens gaúchos	1/6 pg.	Estadual
11	Spot	Salão de desenho	1/6 pg.	POA
12	Gastronomia	Arte pela boca	5 pg.	Geral
20	Literatura	Jovens, urbanos e do mal	4 pg.	POA
24	Capa	Teixeirinha	8 pg.	Estadual
32	Cinéfilo	A palavra em movimento	1 pg.	POA
33	Especial	Um espaço para João Cândido	3 pg.	POA
36	Galeria	Figuras violentadas	2 pg.	POA
38	Spot	Teatro sem fronteiras	1/6 pg.	Nacional
38	Spot	Um ano de Fotogaleria	1/6 pg.	POA

38	Spot	Eruditos pós-modernos	1/6 pg.	Estadual
38	Spot	Trilogia no palco	1/6 pg.	POA
38	Spot	Pop inusitado	1/6 pg.	POA
38	Spot	Para conhecer melhor Iberê Camargo	1/6 pg.	POA
39	Artes plásticas	Turbulência romântica	1 pg.	POA
40	Palco	Da origem dos teatros	1 pg.	Geral
42	Imago	As “cópias”	2 pg.	Geral
44	Livros	Um serial killer em Porto Alegre	1 pg.	POA
44	Livros	Os altos e baixos	1 pg.	Geral
46	Kaleidoscópio	A literatura ganha um jornal	1 pg.	POA

RETROSPECTIVA 2002

Revista 43 – Capa “O melhor de 2002”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
7	Entrevista	Crônicas da indigência	3 pg.	Internacional
12	Capa	Arte marginal	6 pg.	Estadual
18	Palco	Um recado para o novo governador	1 pg.	Estadual
19	Spot	Aquisições do Margs	1/5 pg.	POA
19	Spot	Unibanco Arteplex	1/5 pg.	POA
19	Spot	Todas as Marias	1/5 pg.	Geral
19	Spot	Festivais de cinema em POA	1/5 pg.	POA
19	Spot	Nada superficial	1/5 pg.	POA
20	Gastronomia	O sabor da simplicidade	2 pg.	Estadual
24	Artes cênicas	Para onde vai o DAD	6 pg.	POA
32	Stereo	Livre pensar é só pensar	1 pg.	Estadual

33	Santander cultural	2002/2003 A hora da renovação	9 pg.	Estadual
42	Cinéfilo	Até que enfim	1 pg.	POA
43	Spot	Uma casa para leitura	1/6 pg.	POA
43	Spot	De casa nova	1/6 pg.	POA
43	Spot	O Novo disco do Bidê	1/6 pg.	Estadual
43	Spot	As mulheres de Fahrion	1/6 pg.	POA
43	Spot	Na terra do Sol nascente	1/6 pg.	Internacional
43	Spot	Acervo digital de literatura	1/6 pg.	POA
44	Imago	Estado vesus cultura: a historia de um prêmio	2 pg.	Estadual
46	Livre pensar	Morrendo na praia	2 pg.	Estadual
48	Livros	Pro Faraco!	1 pg.	POA
49	Livros	Precursora do modernismo	1/2 pg.	Geral
49	Livros	Estréia promissora	1/2 pg.	Geral
50	Kaleidoscópio	Um operário do conhecimento	1 pg.	Estadual

APÊNDICE II – Decupagem das revistas de 2006

Revista 72 – Capa “Mario Quintana”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	Sem utopias	4pg.	POA
10	Palco	Quando terei meus braços de volta?	1pg.	Geral
12	Literatura	O último dos implacáveis	4 pg.	Estadual
16	Artigo	O menino é o pai do homem	2 pg.	Geral
18	Especial	Um mistério chamado Radamés	4 pg.	Estadual
22	Artes plásticas	O homem-poema	2 pg.	POA
24	Stereo	Quatro expectativas para 2006	1 pg.	POA
25	Spot	Lembrando Caio F.	½ pg.	Estadual
25	Spot	Cozzatti (1952-2006)	½ pg.	Estadual
26	Capa	Um poeta a ser redescoberto	8 pg.	Estadual
34	Espaço cultural	Pelas janelas de Rio Pardo	2 pg.	Interior
36	Arte farroupilha	Imagens que eternizam heróis	4 pg.	Estadual
40	Cinéfilo	Caixa de surpresas	1 pg.	POA
42	Música	Som de uma época	3 pg.	Estadual
45	Imago	Fragments de Anatole Vasanpeine	1 pg.	Geral
49	Livros	O cotidiano como matéria prima	1 pg.	Geral
49	Livros	Revelações do tio Crumb	1 pg.	Geral

Revista 73 – Capa “Sepé Tiaraju”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	Certinho, mas nem tanto	4 pg.	Estadual
10	Memória	O médico e o moço bom	1 pg.	Estadual
11	Cinéfilo	O homem que amava o cinema	1 pg.	Estadual
12	Spot	Xico em Brasília	¼ pg.	Nacional
12	Spot	Índios urbanos	¼ pg.	POA
12	Spot	Debu de luxo	¼ pg.	POA
12	Spot	Arquitetura militante	¼ pg.	Geral
14	Stereo	Um “flagelo” chamado rock gaúcho	2 pg.	Estadual
16	Especial	Porto alegre, cidade brega?	5 pg.	POA
22	As faces de Quintana	O guri do Alegrete	2 pg.	Interior
24	Artigo	O barulho da crítica	2 pg.	Geral
26	Capa	O nosso Che	6 pg.	Estadual
32	Palco	A feliz estréia de uma Calamidade	1 pg.	POA
33	Spot	Passando a régua	1/3 pg.	Estadual
33	Spot	Casa nova, vida nova	1/3 pg.	Estadual
33	Spot	Um amizade inusitada	1/3 pg.	POA
34	Artes plásticas	Afinidades nada eletivas	2 pg.	POA
36	Cinema	Fuzarca na tela	4 pg.	Estadual
40	Imago	Coleções	1 pg.	POA
42	Arte farroupilha	Memória esculpida	4 pg.	Estadual
46	Espaço	Sinfonia interrompida	2 pg.	POA

	cultural			
48	Livros	O ano que abalou o mundo	1 pg.	Geral
49	Livros	Para entender Noam Chomsky	1 pg.	Geral

Revista 74 – Capa “Gol de Letra”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	Não à esterilidade	4 pg.	Nacional
10	Dança	Fazendo história	2 pg.	Interior
12	Stereo	Delacroix e Tribufu: MPB de alto nível	1 pg.	POA
13	Spot	Um outro tipo de olhar	1/5 pg.	Estadual
13	Spot	Paixão Côrtes em dose dupla	1/5 pg.	Estadual
13	Spot	Tudo o que não é convencional	1/5 pg.	POA
13	Spot	Memórias da cidade	1/5 pg.	POA
13	Spot	Arte impressa	1/5 pg.	POA
14	Literatura	Nascido para escrever	4 pg.	POA
18	Cinéfilo	Estrada perdida	2 pg.	Estadual
20	Debate	Universidade é cultura	5 pg.	POA
26	Especial	Um bola no pé, um ideia na cabeça	6 pg.	Nacional
32	As faces de Quintana	O jornalista e tradutor	2 pg.	POA
34	Palco	Ator pensa?	1 pg.	Geral
35	Spot	Fotografia, mas nem tanto	1/4 pg.	POA
35	Spot	Documentário premiado em DVD	1/4 pg.	Estadual
35	Spot	João Cabral por José Castello	1/4 pg.	Nacional
35	Spot	Filosofia em CD-ROM	1/4 pg.	Geral
36	Política cultural	O valor da cultura	3 pg.	Nacional

40	Imago	E a qualidade, onde está?	1 pg.	Geral
41	Teatro	Sobre o amor e o acaso	1 pg.	POA
42	Arte farroupilha	Uma guerra de palavras	4 pg.	Estadual
46	Artigo	Política cultural não é sinônimo de LIC	1 pg.	Estadual
48	Livros	Metralhadora e ótima ficção	1 pg.	Geral
49	Livros	Louco, oprimido, beatificado	1 pg.	Geral

Revista 75 – Capa “Este tal de Freud”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	A hora das diferenças	4 pg.	Estadual
10	Inédito	O desamparo do mundo	2 pg.	Nacional
12	As faces de Quintana	O poeta moderno?	2 pg.	Estadual
14	Stereo	Teixeirinha ainda manda no salão	1 pg.	Estadual
16	Galeria	A escrita (crítica) da luz	2 pg.	Geral
18	Perfil	O contador de histórias	6 pg.	Nacional
24	Cinema	Biscoito bom	1 pg.	POA
26	Artigo	O cinema que não conta uma história	2 pg.	POA
28	Música	Falta interação	2 pg.	Nacional
30	Imago	O cineasta e a fotografia	1 pg.	Geral
31	Spot	Sobre o olhar	1/3 pg.	POA
31	Spot	Pritzker para o Brasil	1/3 pg.	Nacional
31	Spot	Um sopro de Brasil	1/3 pg.	Nacional
32	Especial	Freud e nós	6 pg.	Estadual
38	cinéfilo	Uma onda supernova	1 pg.	POA

39	Spot	Perdas e danos	1/3 pg.	Interior
39	Spot	Cecília de leste a oeste	1/3 pg.	Estadual
39	Spot	Música no hospital	1/3 pg.	POA
40	Literatura	Exceção à regra	1 pg.	Geral
41	Literatura	A tentação da frase	1 pg.	Geral
42	Literatura	O segundo vencedor	1 pg.	Nacional
43	Réplica	A universidade autofágica	1 pg.	Geral
44	Palco	Sonho de um noite de verão	1 pg.	POA
46	Erudito	Temporada promissora	2 pg.	POA
48	Livros	Pinceladas literárias	1 pg.	Geral
49	Livros	Os manes e o paraíso	1 pg.	Geral

Revista 76 – Capa “Diabo no corpo”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	Mostro à solta	4 pg.	Nacional
10	Cinéfilo	O diretor cinéfilo	1 pg.	Internacional
11	Spot	Inéditos de Lara	1/3 pg.	Estadual
11	Spot	O carioca que se apaixonou por Nei	1/3 pg.	Nacional
11	Spot	Um luxo de lixo	1/3 pg.	POA
12	Teatro	Triunfo do sarcasmo	5 pg.	Estadual
17	Stereo	Olho nelas	1 pg.	Nacional
18	Galeria	Discursos sobre pintura	2 pg.	Geral
20	Literatura	Foi como passar correndo sobre uma trincheira	5 pg.	Estadual
25	Spot	Artes nas quatro linhas	1/3 pg.	POA
25	Spot	Hamlet somos nós	1/3 pg.	POA

25	Spot	Pronto para filmar	1/3 pg.	Geral
26	História	Quatro perguntas para sobre Getúlio	2 pg.	Estadual
28	Palco	100 anos de Beckett e Ibsen	1 pg.	POA
30	Especial	O padre que preveu o futuro	6 pg.	POA
36	As faces de Quintana	O poeta do cotidiano	2 pg.	Estadual
40	Música	O sangue novo do choro	4 pg.	POA
44	Artes plásticas	Moderno há 60 anos	2 pg.	POA
46	Imago	Música, fotografia e processo digital	1 pg.	Geral
47	Memória	A história pública de um militante	1 pg.	Nacional
48	Livros	A opinião na voz da personagem	1 pg.	Geral
49	Livros	Retratos falantes da alma polonesa	1 pg.	Estadual

Revista 77 – Capa “Escritor com diploma?”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	O passado nos condena	4 pg.	POA
10	As faces de Quintana	O amante do impossível	2 pg.	Geral
12	Música	Especialistas em granadas de mão	2 pg.	Internacional
14	Galeria	Sobre fotografia	2 pg.	POA
16	Galeria	De volta ao desenho	2 pg.	Geral
18	Cinéfilo	Gente que faz	1 pg.	Estadual
20	Teatro	O marechal do palco	5 pg.	POA
25	Teatro	Eternamente Hamlet	1 pg.	Geral
26	Cinema	Helena (quase) na intimidade	2 pg.	POA

28	Stereo	O garimpeiro do passado	1 pg.	Geral
29	Spot	Dura, mas sem perder a textura	1/3 pg.	Estadual
29	Spot	Flip em Porto Alegre	1/3 pg.	POA
29	Spot	Recorde do cinema do RS	1/3 pg.	Estadual
30	Literatura	Diploma de escritor?	6 pg.	Estadual
36	Palco	A mochila do mascate	1 pg.	POA
37	Spot	Caminho das letras	1/4 pg.	Estadual
37	Spot	Segredos subterrâneos	1/4 pg.	POA
37	Spot	Nova música nova	1/4 pg.	POA
37	Spot	Pelas lente de Ferrez	1/4 pg.	POA
38	Memória	Silêncio na arte	2 pg.	Estadual
40	Imago	Sobre o papel do estado	1 pg.	Estadual
42	Spot	Novidade da bienal de São Paulo	1/3 pg.	Nacional
42	Spot	Entre Deus e o Diabo	1/3 pg.	Geral
42	Spot	Sem título	1/3 pg.	POA
43	Informe especial	Incentivo ao cinema gaúcho	1 pg.	POA
44	Especial	Glamour sim, mas com conteúdo	2 pg.	Interior
46	Artes plásticas	Obras-primas reunidas	2 pg.	Nacional
48	Livros	Um eloquente retrato em preto e branco	1 pg.	Geral
49	Livros	Simões por Schlee	1 pg.	Estadual

Revista 78 – “Capa Saravá, tchê”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	Por uma arte política	4 pg.	Nacional
10	Perfil	Que fim levou o Domício?	2 pg.	Nacional

12	Palco	A (im)pureza dos gêneros	1 pg.	Geral
13	Spot	Adeus a Fernando Ribeiro	¼ pg.	Estadual
13	Spot	Cildo Meireles homenageado?	¼ pg.	POA
13	Spot	Agora vai?	¼ pg.	POA
13	Spot	Elis, Proença e Kleiton & Kledir	¼ pg.	Nacional
14	Músicas	Ele inventou o gauchismo	4 pg.	Estadual
18	As faces de Quintana	O poeta menino	2 pg.	Estadual
20	Cinema	Menos desordem na serra	2 pg.	Interior
22	Cinema	O kikito do Otto	2 pg.	Interior
24	Stereo	Solar já passou dos 500 saraus	1 pg.	POA
26	Artes cênicas	Mágico e autentico	2 pg.	Interior
28	Imago	Um pouco de história (s)	1 pg.	Estadual
29	Spot	Gravuras inéditas em Caxias	1/3 pg.	Interior
29	Spot	Protásio Alves sem retoques	1/3 pg.	Estadual
29	Spot	OSPA de volta ao Rio	1/3 pg.	Nacional
30	Especial	O axé do gaúcho	5 pg.	Estadual
35	Spot	Arte popular no museu	¼ pg.	POA
35	Spot	Razões do analfabetismo	¼ pg.	Geral
35	Spot	Zouk inaugura galeria	¼ pg.	POA
35	Spot	Uma outra Clarice	¼ pg.	Estadual
36	Literatura	Histórias desses que não mudam nunca	2 pg.	Nacional
38	Galeria	Entres rasgos e costuras estéticas	2 pg.	POA
40	Evento	A cara do Brasil contemporâneo	4 pg.	POA
44	Cinéfilo	Grandes expectativas	1 pg.	Interior
46	Teatro	O autor não morreu	2 pg.	POA

48	Livros	Um testemunho sobre a censura no Brasil	1 pg.	Nacional
49	Livros	Desvendando o colombiano	1 pg.	Internacional

Revista 79 – Capa “As capitais da cultura”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	Lugar de arte é lugar de conversa	4 pg.	POA
10	Cinéfilo	Histórias reais	1 pg.	Estadual
11	Spot	Um vazio nas letras do RS	1/3 pg.	Estadual
11	Spot	Terror em Porto Alegre	1/3 pg.	POA
11	Spot	O impacto do azul e branco	1/3 pg.	POA
12	Música	Elas dão as caras	4 pg.	Estadual
16	Antropologia	Esse obscuro objeto do desejo	2 pg.	Geral
18	Informe especial	Um troféu para o teatro gaúcho	2 pg.	POA
20	Debate	Uma nova orla?	5 pg.	POA
25	Palco	Um suicídio na tela do computador	1 pg.	Geral
26	Galeria	A mão do povo brasileiro	2 pg.	POA
28	Stereo	Bataclã FC chega à linha de frente	1 pg.	POA
30	Especial	Pedagogia do fracasso	4 pg.	Nacional
34	Imago	O fotógrafo e os escritores	1 pg.	Geral
35	Spot	Histórias do patrono	1/2 pg.	POA
35	Spot	Arte nos jardins	1/2 pg.	POA
36	Artes plásticas	Vocação: precursor	2 pg.	POA
38	Capa	A vitória da tradição	6 pg.	Interior
44	As faces de Quintana	O poeta de todos nós	2 pg.	POA

46	Dança	Dança de rua	2 pg.	Estadual
48	Livros	Do anônimo ao extraordinário	1 pg.	Geral
49	Livros	A arte de narrar o futebol	1 pg.	Estadual

Revista 80 – Capa “Um porre de Wander”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	Encharcado de humanidade	4 pg.	Nacional
10	Galeria	Filósofo em piscina flutuante	2 pg.	POA
12	Stereo	Instrumentais tipo exportação	1 pg.	POA
13	Spot	A brasilidade de Djanira	½ pg.	POA
13	Spot	Pelas estradas do RS	½ pg.	Estadual
14	Cinema	O lugar da ousadia	2 pg.	Estadual
16	Palco	Eternamente Shakespeare	1 pg.	POA
18	História	Um epopeia musical	4 pg.	POA
22	Artes plásticas	Arte contemporânea para todos	2 pg.	Interior
24	Cinéfilo	Anarquia animada	1 pg.	POA
25	Spot	Gheno por ele mesmo	½ pg.	POA
25	Spot	Novidade nas prateleiras	½ pg.	POA
26	Especial	História e histórias de um punk brega	6 pg.	Estadual
32	Ensaio	A conversação e a entrevista	2 pg.	Geral
34	Dança	Produção em movimento	2 pg.	POA
36	Ciência política	Geração rebeldes	4 pg.	Estadual
40	As faces de Quintana	O poeta e sua cidade	2 pg.	POA
42	Arquitetura	Memórias do esplendor	1 pg.	POA

43	Arquitetura	No olho de vários furacões	1 pg.	Interior
44	Imago	Sobre a importância da visão	1 pg.	Geral
46	Música	Um palco, muitas músicas	2 pg.	POA
48	Livros	No tempo das utopias	1 pg.	Geral
49	Livros	Uma voz que evite o naufrágio	1 pg.	Geral

RETROSPECTIVA 2006

Revista 81 – Capa “Retrospectos em branco e preto”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	A revolução, agora, é da classe média	4 pg.	Estadual
10	Stereo	Elis Regina, 24 anos, desabafa e pede ajuda	2 pg.	Estadual
14	Galeria	Pobre linguagem rica	2 pg.	POA
16	Poesia	Nem tão cadela	2 pg.	Estadual
18	Cinéfilo	Nau dos insetos	1 pg.	Nacional
20	História	Antropofagia na praia	2 pg.	POA
22	Spot	Blergh!	½ pg.	POA
22	Spot	Radamés em quatro tempos	½ pg.	Estadual
24	Especial	Um debate bem mulato	6 pg.	Nacional
32	Palco	O teatro político de Brecht	1 pg.	Geral
34	Capa	O melhor de 2006 e o que vem em 2007	11 pg.	Estadual
46	Spot	Cerâmica de Maria Anita Link nos 25 anos da galeria Tina Zappoli	½ pg.	POA
46	Spot	“Mini” só no tamanho	½ pg.	Internacional
48	Ideias	Fronteiras invisíveis	2 pg.	POA
50	Música	Versão reconstruída e repaginada	2 pg.	POA

52	Teatro	Deserto da vida real	2 pg.	Nacional
54	Imago	Pelo buraco da fechadura	1 pg.	POA
56	As faces de Quintana	O poeta do Brasil?	2 pg.	Estadual
58	Spot	De Sófocles a Rosa	½ pg.	Geral
58	Spot	Poemas para devorar	½ pg.	Geral
60	Literatura	O valor da memória	2 pg.	Estadual
62	Erudito	Lembranças do presente	1 pg.	Internacional
63	Erudito	Seattle, Bahia	1 pg.	Nacional
64	Livros	O último da trilogia	1 pg.	Interior
65	Livros	Vaidades e volúpias do sofrimento	1 pg.	Geral

APÊNDICE III – Decupagem das revistas de 2010

Revista 105 – Capa “Quem paga esse vale?”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	10 perguntas para Fábio Barreto	2 pg.	Nacional
8	História	Um de DNA de 400 anos	4 pg.	Interior
12	Ensaio	Cemitérios da Província	2 pg.	POA
14	Arte	A solidão gravada na obra de três mestres	4 pg.	POA
18	Spot	A arte vai à praia	1/3 pg.	Interior
18	Spot	A natureza viva de Gilmar Francisco	1/3 pg.	POA
18	Spot	Verão com oficinas na FIC	1/3 pg.	POA
19	Imago	O multifacetado Pantaleón	1 pg.	Internacional
20	Teatro	Incendiários da palavra	4 pg.	POA
24	Palco	Sobre a arte de ser público	1 pg.	Nacional
25	Spot	Festival de Curitiba deve bater recorde de montagens	1/3 pg.	Nacional
25	Spot	SESC leva programação para o litoral	1/3 pg.	Interior
25	Spot	MAC mostra acervo de pinturas	1/3 pg.	POA
26	Música	Os guardiões da música medieval	4 pg.	POA
30	Stereo	Que fim levou a crítica erudita?	1 pg.	Estadual
32	Especial	Uma nova era para a cultura?	5 pg.	Nacional
37	Cinéfilo	Os melhores filmes de 2009	1 pg.	Nacional
38	Memorial igrejas RS	Uma Província e suas torres	4 pg.	Estadual
42	Literatura	Uma estréia espalhafatosa	2 pg.	Estadual
44	Literatura	A esfinge (quase) desvendada	4 pg.	Nacional

48	Livros	Um tratado sobre o sofrimento	1 pg.	Geral
49	Livros	Acerto de contas com a literatura	1 pg.	Geral

Revista 106 – Capa “Chega de espera”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	Literatura sem limites	4 pg.	Estadual
10	Arte	Distantes, mas tão próximos	4 pg.	POA
14	Imago	Um fato da cultura chamado futebol	1 pg.	Nacional
15	Spot	Homenagem a Felizardo	½ pg.	POA
15	Spot	O homem não é máquina	½ pg.	Geral
16	Música	Samba com sobrenome	6 pg.	Estadual
22	Cinéfilo	As meninas superpoderosas	1 pg.	Geral
24	Arte	Um tempo redescoberto	3 pg.	POA
27	Palco	A morte do grande Maga	1 pg.	Estadual
28	História	Tesouro histórico no lixão	2 pg.	POA
30	Stereo	Instrumental gaúcho na vitrina	1 pg.	POA
31	Spot	Ramil e as ilusões da milonga	1/3 pg.	Internacional
31	Spot	As atrações do palco giratório	1/3 pg.	POA
31	Spot	Leonardo Da Vinci no MARGS	1/3 pg.	POA
32	Cinema	Um presente para Danúbio	2 pg.	Estadual
34	Memorial igrejas RS	Austero requinte	6 pg.	Estadual
41	Livros	O herói num beco sem saída	1 pg.	Internacional
42	Livros	A amizade como forma de redenção	1 pg.	Internacional

Revista 107 – Capa “O poeta pop”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	Esquizofrenia não tem cura	4 pg.	Estadual
10	Especial	Bem-vinda integração	5 pg.	Internacional
15	Stereo	Cheiro de explosão	1 pg.	POA
16	Artes plásticas	Espaço com múltiplos respiros	3 pg.	Interior
19	Spot	A grade festa do teatro	1/3 pg.	POA
19	Spot	Arte abstrata na FIC	1/3 pg.	POA
19	Spot	Dose dupla no MARGS	1/3 pg.	POA
20	Arte	Arte para fluir vagorosamente	3 pg.	POA
23	Imago	Imago, o livro	1 pg.	POA
24	Entrevista	Queremos uma bienal marcante	3 pg.	POA
28	Literatura	O pirotécnico Fabrício	8 pg.	Nacional
36	Teatro	A emoção volta ao palco	2 pg.	Nacional
38	Palco	O teatro experimental do negro	1 pg.	Internacional
40	Memorial igrejas RS	Drama histórico	4 pg.	Estadual
44	Cinéfilo	Underground regionalista	1 pg.	Estadual
46	Livros	O sentido do inexplicável	1 pg.	Geral
47	Livros	Futuro do pretérito	1 pg.	Geral
48	Spot	Nasce o “fronteirinhas”	1/3 pg.	POA
48	Spot	A volta de Walter Jaquet	1/3 pg.	Estadual
48	Spot	A força da prosa de Iberê	1/3 pg.	Estadual
49	Inédito	Meio madeira, meio alvenaria	2 pg.	Estadual

Revista 108 – Capa “Paixão solta o aço”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	O laçador solta o verbo	8 pg.	Estadual
14	Stereo	Cinco mulheres e um destino	2 pg.	Estadual
16	Música	Histórias da madrugada	4 pg.	POA
20	Música	O mundo todo	2 pg.	Interior
22	Música	O guardião da música fina	3 pg.	Estadual
26	Cinéfilo	Para aonde vai Gramado?	5 pg.	Interior
31	Imago	Na idade do virtual	1 pg.	Geral
32	Artes plásticas	Desenhos no espaço	3 pg.	POA
35	Spot	Relembrando Iberê	¼ pg.	POA
35	Spot	A imagem da natureza	¼ pg.	Interior
35	Spot	A imprecisão da arte	¼ pg.	POA
35	Spot	Notas subterrâneas	¼ pg.	Geral
36	Memorial igrejas RS	Em flagelo	4 pg.	Interior
40	Spot	Um passeio pela história	1/3 pg.	POA
40	Spot	Porto Alegre em prêmio	1/3 pg.	POA
40	Spot	Pensamento visual	1/3 pg.	POA
42	Palco	O 17º Porto Alegre em cena	2 pg.	POA
44	Literatura	O ano do anfitrião	3 pg.	Estadual
49	Livros	Um brumday em Santa Maria	1 pg.	Interior
50	Livros	O narrador butequero de Ondjaki	1 pg.	Geral

Revista 109 – Capa “Luzes para o bom e barato”

Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	O regente da cultura	4 pg.	Estadual
10	Stereo	À margem do grito e do gaitaço	1 pg.	Estadual
12	Cinema	Luz, câmera, inovação	6 pg.	Nacional
18	Cinéfilo	Dois na estrada	1 pg.	Estadual
20	Spot	Um década de bolsa-arte	1/3 pg.	POA
20	Spot	O laboratório que é tablado	1/3 pg.	POA
20	Spot	Um festival de teatro itinerante	1/3 pg.	Interior
22	Arte	Os novos lugares da arte	4 pg.	Nacional
26	Arte	Novos ares em Bagé	3 pg.	Interior
30	Imago	Em defesa dos “valores tradicionais”	1 pg.	Geral
31	Spot	Resistente ao tempo	1/3 pg.	Estadual
31	Spot	Capital dos ritmos	1/3 pg.	POA
31	Spot	O pop Art de Henrique Fuhro	1/3 pg.	POA
32	Teatro	Abre-te dete!	6 pg.	Interior
38	Palco	Pelo bem da intervenção pós moderna	1 pg.	Geral
39	Spot	Para celebrar a negritude	1/3 pg.	POA
39	Spot	Sessenta anos de música	1/3 pg.	POA
39	Spot	Artes plásticas na prateleira	1/3 pg.	POA
40	Memorial igrejas RS	À luz da história	4 pg.	Estadual
44	Literatura	Um olhar cáustico sobre a Revolução Farroupilha	4 pg.	Estadual
48	Livros	Dos limites do palco à palavra lida	1 pg.	Nacional
49	Livros	Tragédia em dois atos	1 pg.	Estadual

50	Inédito	Borges em pessoa	1 pg.	Geral
----	---------	------------------	-------	-------

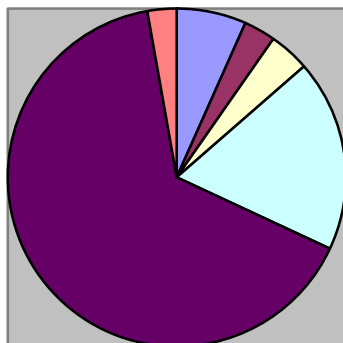
RETROSPECTIVA 2010

Revista 110 – Capa “De guitarra e cuia”

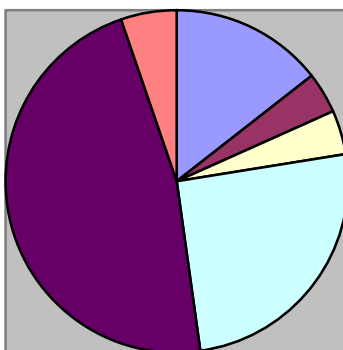
Pg.	Sessão	Matéria	Espaço	Abrangência
6	Entrevista	O sonho de dona Eva	4 pg.	Estadual
10	Palco	A lógica do absurdo e o absurdo da lógica	1 pg.	POA
11	Spot	Sensações tecnológicas	1/3 pg.	POA
11	Spot	Cineesquemano novo repleto de inovações	1/3 pg.	POA
11	Spot	CCMQ na estrada	1/3 pg.	POA
12	Imago	O domínio da transformação	1 pg.	Internacional
13	Spot	Uma geografia dos museus - I	1/3 pg.	Nacional
13	Spot	Uma geografia dos museus – II	1/3 pg.	Estadual
13	Spot	Como no resto do mundo	1/3 pg.	POA
14	Música	Por favor, sucesso	10 pg.	Estadual
24	Memória	Silencio no tambor	1/4 pg.	Estadual
24	Memória	O adeus de Flach	1/4 pg.	POA
24	Memória	Um barão do rock se cala	1/4 pg.	Estadual
24	Memória	Hélio Ary sai de cena	1/4 pg.	Nacional
25	Retrospectiva	Retrospectiva perspectiva	11 pg.	Estadual
36	Artigo	Cartografias poéticas e horizontes multiplicados	4 pg.	POA
40	Cinéfilo	Os dez melhores filmes de 2010	2 pg.	Nacional
42	Stereo	Mais um ano de alta produção sonora	2 pg.	Estadual
44	Livros	Múltiplas visões sobre um mesmo	1 pg.	Internacional

		personagem		
45	Spot	Um festival se despede...	1/3 pg.	POA
45	Spot	... e outro abre inscrições	1/3 pg.	Interior
45	Spot	MASM de cara nova	1/3 pg.	Interior
46	Memorial igrejas RS	Permanência e tradição	4 pg.	POA

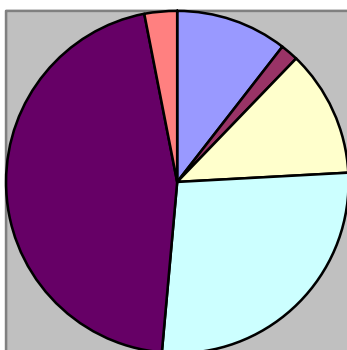
APÊNDICE IV – Gráficos de número de Spots de 2002

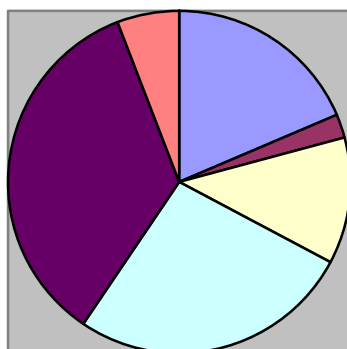
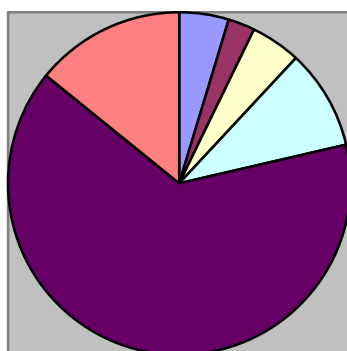
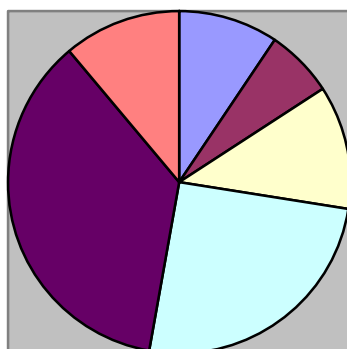


APÊNDICE V – Gráficos da análise quantitativa de 2002



APÊNDICE VI – Gráficos de número de Spots de 2006



APÊNDICE VII – Gráficos da análise quantitativa de 2006**APÊNDICE VIII – Gráficos de número de Spots de 2010****APÊNDICE IX – Gráficos da análise quantitativa de 2010**

ANEXO I

KALEIDOSCÓPIO

Publica-se todos os dias,
com exceção dos dias de semana



Primeiro jornal ilustrado do Rio Grande do Sul, *A Sentinella do Sul* surgiu na segunda metade do século 19 e revelou não apenas alguns dos melhores jornalistas da época, como Eudoro Berlink e Carlos von Koseritz, mas também marcou o início da charge no Rio Grande do Sul, pela pena de Inácio Weingartner, irmão do artista plástico Pedro Weingartner. A publicação, de pequeno formato, comum na época, era impressa em oito páginas na Litografia Imperial, localizada na Rua da Praia, 249 e 251, em Porto Alegre, onde ficavam também a redação e a administração do jornal. Apesar de sua linguagem moderada, não comum nos jornais concorrentes, *A Sentinella do Sul* autopromovia-se como “crítica e joco-séria” e, para aumentar a ironia, trazia como subtítulo a frase: “Publica-se todos os dias, com exceção dos dias de semana”.

Em seu lançamento, a 7 de julho de 1867, os proprietários Júlio Timoteo de Araújo e Manoel Felisberto Pereira da Silva, ao divulgar a linha editorial, diziam que “entramos na arena armados de pena e crayon, e dispostos a sustentar a luta contra o indiferentismo do público e contra a falta de assinaturas, os dois principais inimigos das empresas desta ordem”. Além disso, deixavam claro que “a crítica era, naturalmente, o elemento principal da publicação”.

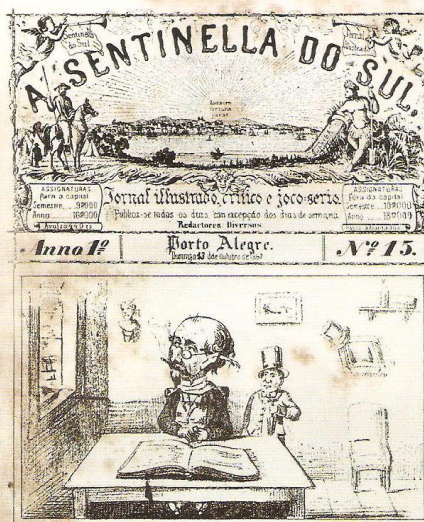
Os obstáculos para o sucesso eram grandes: ainda que Porto Alegre apresentasse algum desenvolvimento urbano e econômico, havia a Guerra do Paraguai, que então mobilizava muitos gaúchos, o alto índice de analfabetismo, a falta do hábito de leitura de jornais, a crônica falta de pagamento de grande parte dos assinantes e a precária distribuição, que determinavam que os exemplares de *A Sentinella* deveriam ser adquiridos na litografia ou na casa dos redatores ou

proprietários. Tanto que, para divulgar o novo periódico, o primeiro número foi enviado a vários moradores da cidade, com uma advertência: aqueles que não quisessem assinar o jornal deveriam devolvê-lo até a noite do dia seguinte; caso contrário, seriam considerados assinantes.

Além dos assuntos e notícias gerais, o semanário destacava literatura e política. E a primeira página era toda ocupada com uma charge de Inácio Weingartner, que assinava também as ilustrações internas. No entanto, muitos leitores já haviam reclamado do alto preço de *A Sentinella*, não condizente com o seu reduzido tamanho. A boa técnica litográfica, a qualidade dos textos e a novidade da ilustração não foram suficientes para impedir que o jornal encerrasse sua trajetória depois de apenas dois anos de existência. Foi caro demais manter um jornal ilustrado na Porto Alegre de 1867.

Ainda que o desaparecimento da publicação constituísse uma perda significativa para o jornalismo, o nome de Inácio permaneceria ainda por muitos anos, sendo ainda hoje lembrado como um dos grandes artistas da ilustração e da charge. De temperamento recatado, assim como seus irmãos Pedro, Jacob, Alexandre e Miguel, suas charges primavam mais pela fina ironia do que pela agressividade, deliciando os leitores. Curiosamente, apesar de todos os irmãos terem revelado grandes dotes ar-

tísticos, o pai, que também se chamava Inácio, nunca demonstrou qualquer aspiração artística; fora, inclusive, o primeiro economo da Sociedade Germânica, chegando ao Brasil em 1836. Último detalhe: foi com os ensinamentos dos irmãos Inácio e Jacob que Pedro Weingartner aprendeu a desenhar. (Por Sérgio Dillenburg)



O Redactor da *Sentinella*, estudando o projecto do país do Rio Grande

O irmão mais velho

No alto da página, um exemplo do traço de Inácio Weingartner, que também era marca registrada da primeira página de *A Sentinella do Sul* (acima)

ANEXO II

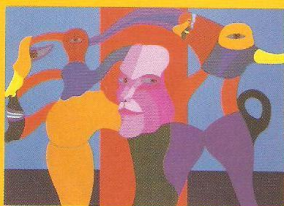
SPOTTOPS

A Saga de uma Descasada no Mundo de Marlboro

As desventuras de uma mulher recém-divorciada em conflito com sua independência são o mote da peça *Ele Me Paga!*. Primeira incursão do publicitário Stalimir Vieira nas artes cênicas, o texto foi escrito especialmente para sua irmã, a atriz Lila Vieira, que interpreta a impagável Jacira Gastão, uma mulher que está feliz com a separação, mas que espera, a todo momento, uma ligação do ex. O monólogo põe num caldeirão, com muito humor e muita crítica, assuntos como casamento, separação e a tumultuada relação entre mãe e filha. "A Jacira é ótima, completamente alienada. É uma mulher de hoje, mas com muitas características da mulher de 30 anos atrás", comenta Lila. Com direção de Zé Adão Barbosa, *Ele Me Paga!* tem temporada de 3 a 26 maio, no Teatro de Câmara, e de 7 de junho a 7 de julho, no Teatro do SESC, em Porto Alegre.



Foto: André Furado



Arte no aeroporto

Um dos mais novos locais para a divulgação da arte em Porto Alegre não está em galerias, nem em museus. É o Espaço Cultura, que fica no terceiro andar do Aeroporto Salgado Filho. Mais do que atingir

apenas o público que está de viagem, o projeto pretende se tornar referência na cidade. Separado em quatro módulos – *Arte Contemporânea*, *Leitura*, *Video* e *Contêiner Arte* –, o Espaço será local de exposições, exibições de vídeos, biblioteca aberta e comercialização de obras de arte. Quem inaugura o primeiro módulo é o artista plástico Britto Velho. A mostra *Reengenharia Genética* fica em cartaz até o dia 21 de junho e traz uma série de acrílicos sobre tela na qual desfilam figuras desfragmentadas e recriadas em imagens repletas de cores fortes. O projeto é uma iniciativa da empresa Meta 29, em parceria com a Bolsa de Arte e do Espaço Cultural Yázigi, com apoio da Infraero.

Prêmios para o super-8 gaúcho



Foto: Gustavo Jahn

Mais uma prova do domínio gaúcho na produção nacional de filmes em super-8. Dos dez prêmios do Festival de Londrina (PR), sete foram entregues a filmes feitos no Rio Grande do Sul. *Ele Vai Perguntar das Coisas Que Eu Gosto* (foto ao lado), produzido pela Sendero Filmes e dirigido por Gustavo Jahn, levou os prêmios de melhor filme,

Vasco Prado em livro e CD-ROM

Centenas de pessoas se acotovelaram no último dia 16 de abril, na APLUB, em Porto Alegre, durante o lançamento do livro *Vasco Prado – Escultor* e do CD-ROM homônimo. O livro reúne textos de críticos e amigos de Vasco, e um belo conjunto de fotos assinadas por Leopoldo Plentz, que se deteve no ateliê do escultor. Já as reproduções das obras de Vasco tiveram o apuro técnico e a sensibilidade do fotógrafo Pierre Yves Refalo e perfazem praticamente toda a trajetória do artista. Com produção cultural de César Prestes e patrocínio da OPP Petroquímica, livro e CD-ROM serão distribuídos gratuitamente a escolas da rede pública e privada do Estado, numa ação para divulgar a obra do artista, morto em 1998.



Seminário na Terreira

A peça *A Saga de Canudos* vai de vento em popa – com apresentações agendadas até em Santa Catarina –, mas a Tribo Ói Nóis Aqui Traveiz não descansa. De 6 a 14 de julho, eles promovem o seminário *A Presença do Ator*, na Terreira da Tribo (R. Dr. João Inácio, 981). Serão convidados grupos locais e de fora do Estado, e as inscrições, gratuitas, estão abertas a quem quiser participar. Outras informações pelo fone (51) 3221-7741.



Foto: Gilca Boche

Imperdível

O Museu do Trabalho inicia, em abril, o oitavo ano de seu Consórcio de Gravuras. Funciona assim: o sócio paga uma taxa mensal de R\$ 43 e ganha, todo mês, uma gravura. Além disso, a cada três meses, leva uma gravura extra – e ainda concorre a outras nos meses restantes. Serão distribuídos, entre outros, trabalhos de Paulo Peres, Maristela Salvatori e Rubem Grilo. Este ano também será inaugurado o Consórcio de Esculturas, que teve uma espécie de piloto no ano passado. O Museu do Trabalho, aliás, completa 20 anos em dezembro, quando deve ser montado um *Salão de Gravuras*, em que artistas amadores concorrerão com profissionais. "Estamos precisando apenas de patrocínio", diz o coordenador Hugo Rodrigues. Informações: (51) 3227-5196 ou www.museudotrabalho.org.





AS FACES DE
Quintana

O POETA *menino*

O sexto artigo da série apresenta o Mario Quintana lúdico e amigo das crianças

por MANOELA SAWITZKI

A entrevistadora pergunta: "Qual a diferença entre o menino Mario e o poeta Quintana?". O entrevistado responde: "Nenhuma". Em outra ocasião, ele completa: "Feliz aquele que não perder o menino de si". Não é difícil imaginar razões para a popularidade de Mario Quintana com o público infantil. Se fugia das aborrecidas sabatinas intelectuais e entediava-se ante a fleuma de certos doutores das letras, encontrava nas crianças seu reflexo mais fiel. Eram cúmplices na capacidade de enxergar o mundo como uma eterna novidade, de perceber os detalhes, aqueles que passam ao largo dos "grandes", sempre cheios de ocupações e pressa e, sobretudo, iguais no desconcertante dom da franqueza.

Em 46 anos, dirigiu cinco obras a elas: *O Batalhão das Letras* (1948), *Pé de Pilão* (1975), *Lili Inventa o Mundo* (1983), *Sapo Amarelo* (1984) e *Sapato Furado* (1994). A primeira chegou a ter circulação proibida pela Secretaria de Estado da Educação por conta de uma quadra que dizia: "Com um X se escreve XICARA/ com X se escreve XIXI/ Não faças xixi na xícara.../ O que irão dizer de ti?". Em tempos de ditadura getulista, a irreverência de Quintana soou inoportuna. Mais tarde, o próprio poeta confessou não se orgulhar muito do livro, escrito numa época em que "não estava nada ele".

Foi a partir de *Pé de Pilão*, porém, que alcançou a consagração no gênero. Prefaciada por Erico Verissimo, a fábula em versos sobre o menino que virou pato arrebanhou uma legião de pequenos fãs: as filas das sessões de autógrafos cresceram em extensão e diminuíram em estatura. Mario não cabia em si. Diante da resistente hostilidade dos críticos, gostava de dizer que se interessava mesmo era pela opinião das crianças. Pois elas o acolheram instantaneamente.

Na epígrafe de *Lili Inventa o Mundo*, outro sucesso editorial, deixou um recado que, de certa forma, sintetiza

seu percurso poético: "As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevisíveis aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas. Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta apenas ser vivida: também precisa ser sonhada". Dentre poemas, aforismos e curtas histórias em prosa de temáticas variadas, a impetuosa menina Lili, que dá título ao livro, surge vez ou outra através das páginas e apresenta seu jeito especial de descobrir (ou reinventar) o universo ao redor, organizando assim uma realidade particular.

Em *Sapo Amarelo* e *Sapato Furado* (publicado postumamente), bem como em *Lili*, aparecem textos presentes em títulos anteriores. Textos para adultos em livros infantis? Não apenas no que se refere à forma, mas sobretudo quanto à abordagem e à escolha de repertório, o poeta Quintana não fizera distinção entre seus leitores. Abordou vida e morte, dividiu memórias e desejos, compartilhou imagens do cotidiano, vislumbres do sobrenatural, desenvolvendo uma produção que não subestimou a capacidade de discernimento infantil. Em contrapartida, foi justamente esta unicidade lúdica o que fez com que muitos o subestimassem como autor, colocando em dúvida sua seriedade e permanência.

Enganaram-se os que apostaram na superação. No ano do centenário de seu nascimento, 12 após sua morte, o menino que saiu do Alegrete para virar anjo na capital gaúcha ainda integra o imaginário de muitos outros meninos. Presente em currículos escolares desde a alfabetização, adaptações teatrais, veículos de comunicação, a cada geração que conquista, Mario Quintana se multiplica e perpetua. Afinal, segundo ele, os poetas, os loucos e as crianças tinham algo especial em comum: "Ao invés de viver no tempo, a gente vive no plano da eternidade". ■

LÚDICO

Jamais Quintana subestimou a capacidade de discernimento infantil. Conforme ele, os poetas, os loucos e as crianças tinham algo especial em comum: "Ao invés de viver no tempo, a gente vive no plano da eternidade"

*Dorme ruazinha... É tudo escuro...
 E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?
 Dorme o teu sono sossegado e puro,
 Com teus lampiões, com teus jardins tranqüilos...*

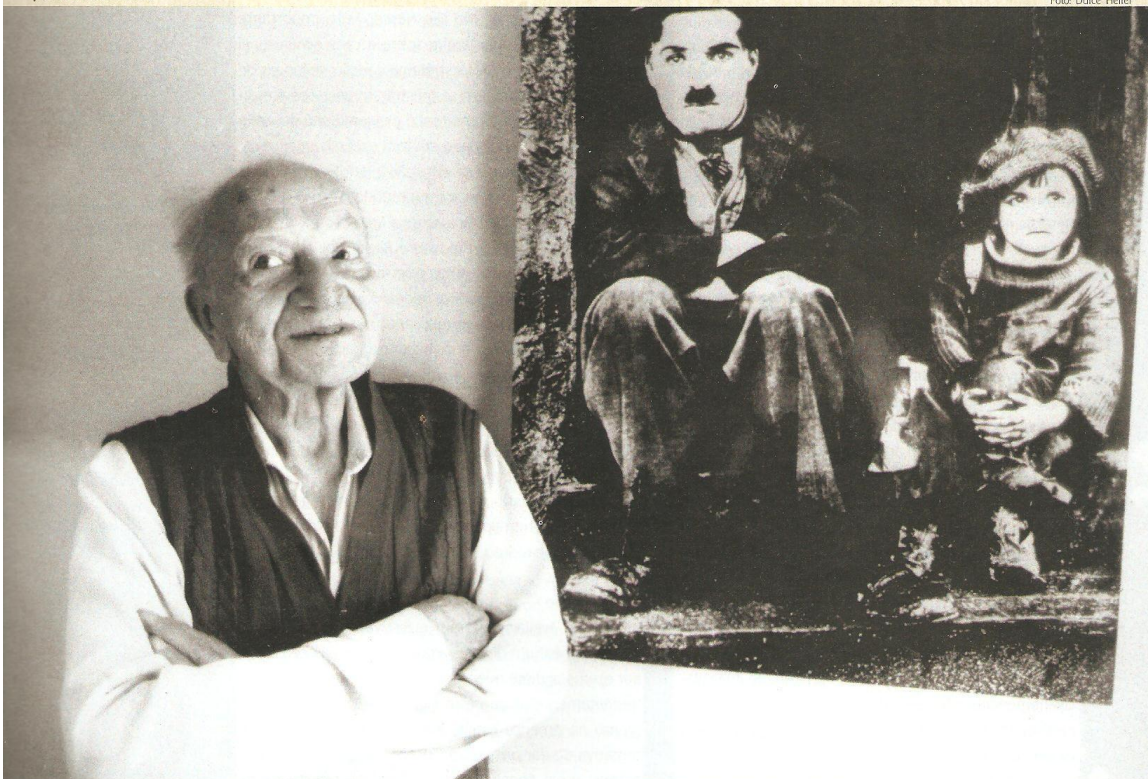
*Dorme... Não há ladrões, eu te asseguro...
 Nem guardas para acaso persegui-los...
 Na noite alta, como sobre um muro,
 As estrelinhas cantam como grilos...*

*O vento está dormindo na calçada,
 O vento enovelou-se como um cão...
 Dorme, ruazinha... Não há nada...*

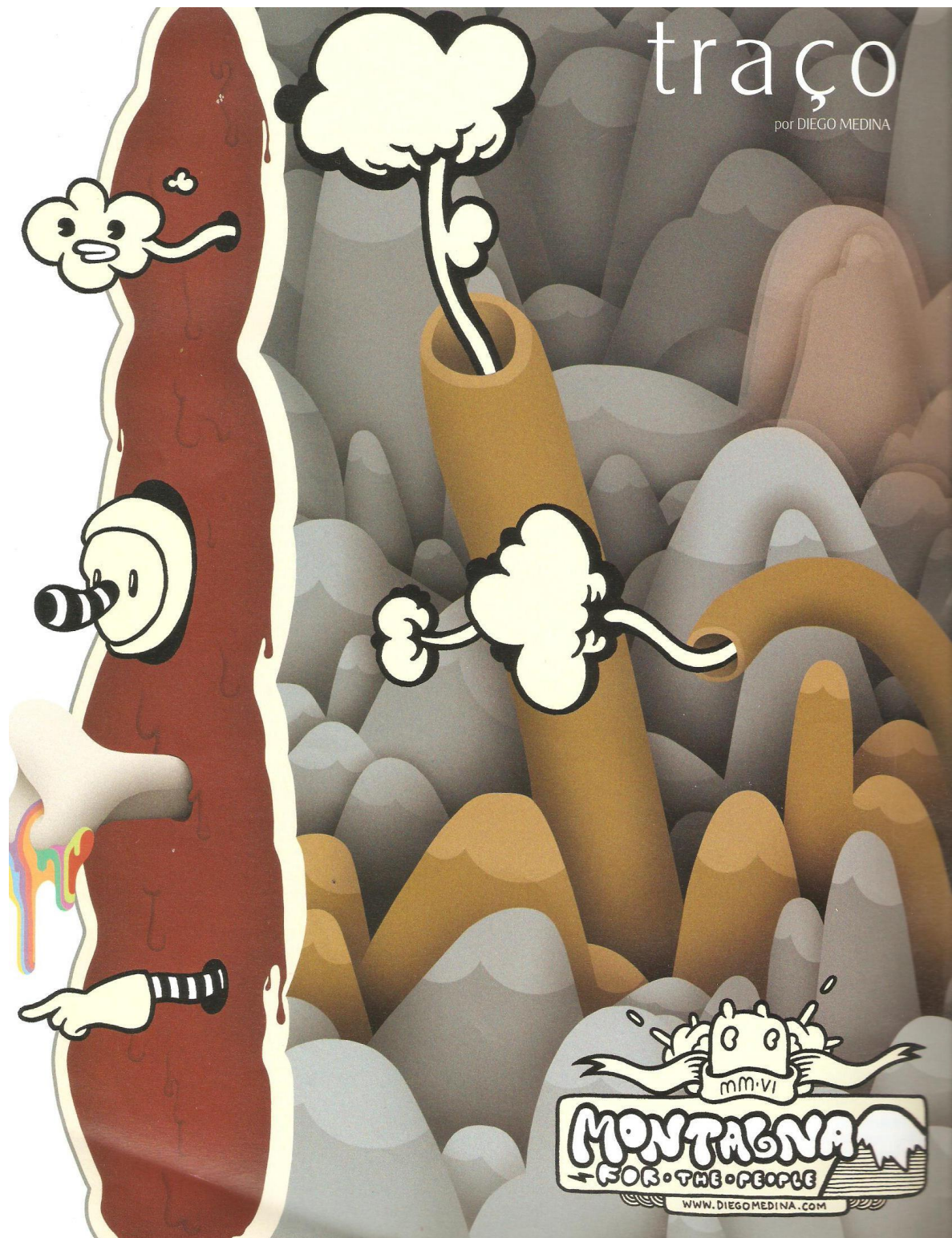
*Só os meus passos... Mas tão leves são
 Que até parecem, pela madrugada,
 Os da minha futura assombração...*

(Dorme, Ruazinha - Lili Inventa o Mundo, 1983)

Foto: Dulce Heller



ANEXO IV



Fonte: Revista 72; página 50.

ANEXO V

traço

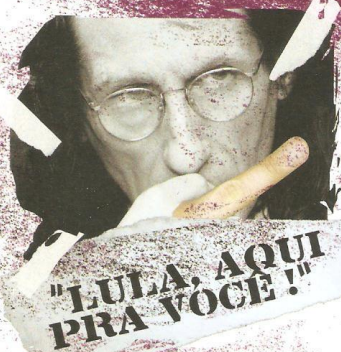
por ROBERTO WINCK



Fonte: Revista 73; página 50.

BIS

VALE A PENA LER DE NOVO



Gerald Thomas, diretor de teatro, erguendo o dedo médio em ato organizado por artistas para cobrar do presidente uma intervenção em favor da Varig. A manifestação em prol da salvação da companhia aérea gaúcha (patrocinadora de diversos espetáculos teatrais) ocorreu no final de abril, no Rio, e teve a adesão de nomes como Marco Nanini, Irene Ravache, Marieta Severo, Louise Cardoso, Julia Lemmertz, entre muitos outros.

Quente demais

O Analista de Bagé pode admitir guitarra elétrica em fandango, como afirma na entrevista que está à pág. 36 desta edição de APLAUSO. Mas o restante da gauderiada, sobretudo o pessoal que comanda o Movimento Tradicionalista Gaúcho... Descontentes com o que consideram um desrespeito à tradição, os 49 integrantes do conselho diretor do MTG decidiram desfiliar o CTG Nova Raça, de Canoas/RS. "De CTG, eles não tinham nada", justificou Manoelito Savaris, presidente do MTG. "Ultrapassaram todos os limites. Transformaram o salão deles em um bailão onde tudo é permitido. Os homens requebram e sacodem as cadeiras. As mulheres também. Não cumpriram o compromisso de preservação da cultura gaúchesca", disse Savaris ao jornal *Zero Hora*. Foi o primeiro Centro de Tradições Gaúchas a ser excluído do movimento.

Mas talvez não o último. É que – isso até o mais inflexível personagem de Veríssimo já sabe – o que hoje é sucesso entre os jovens, mesmo os mais apegados à tradição, é a chamada Tchê Music, na qual o que não falta são instrumentos elétricos, mistura de ritmos e danças um pouco mais quentes que o velho Pezinho.

"AS MUDANÇAS QUE TENHO EM MENTE VÃO ALÉM DA LIBERAÇÃO DOS CAPTIVOS. QUERO AGORA DEDICAR-ME A LIBERTAR AS MULHERES DOS GRILHÕES DO CAPTIVEIRO DOMÉSTICO"

A frase não teria nada de mais não fosse da Princesa Isabel de Orleans e Bragança (1846-1921), a mesma da Lei Áurea, a mesma que sempre passou uma imagem submissa e meramente decorativa. Os indícios de que a filha de D. Pedro II teve seu lado rebelde e visionário (com relação à situação das mulheres no século 19) provêm de documentos publicados na revista *Nossa História* de maio. Nos escritos, que tiveram a autenticidade comprovada por especialistas do Museu Imperial, a princesa fala em reforma agrária e em ressarcimento aos escravos libertados pela lei de 1888.

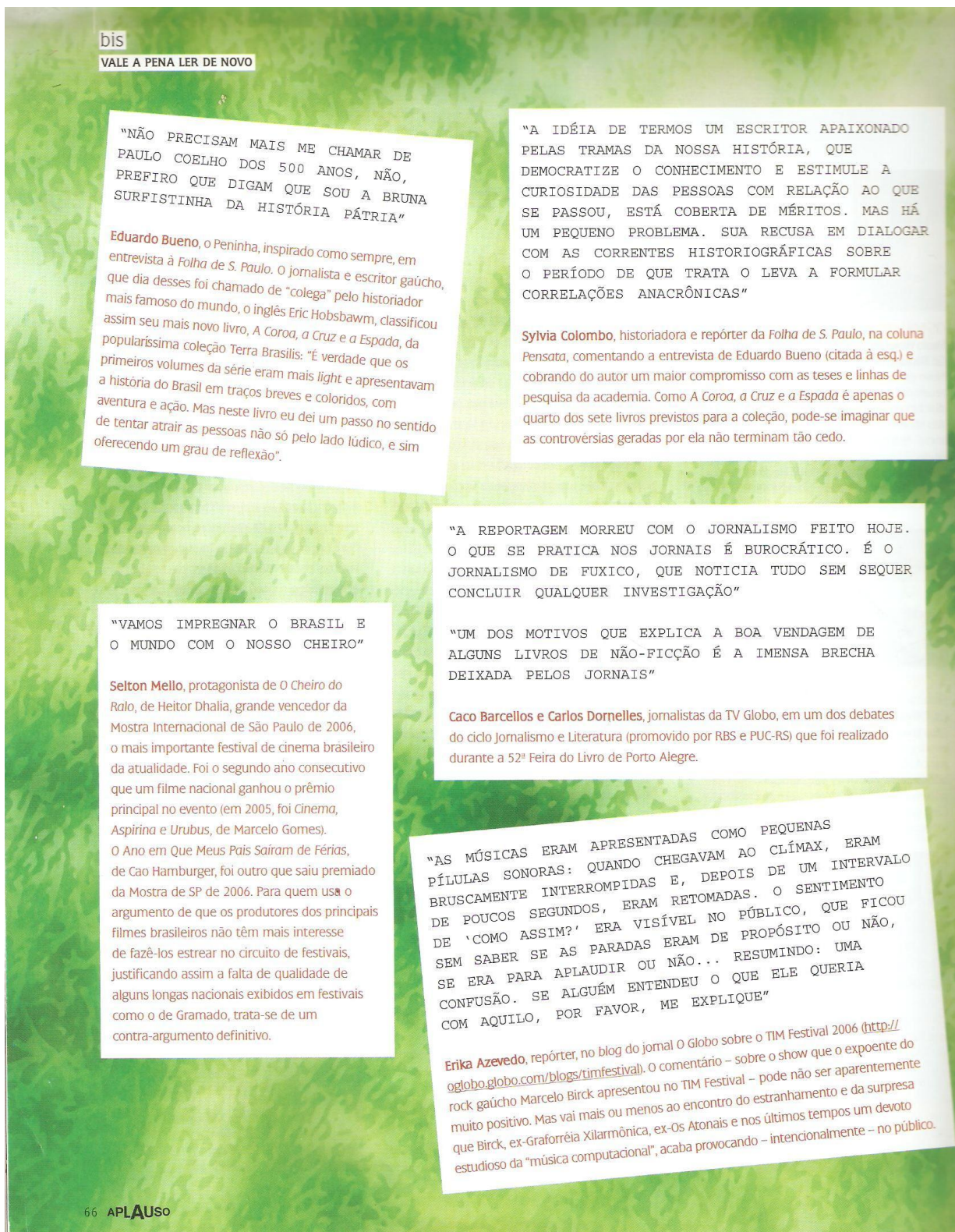
Mais ou melhores leitores?

Num país em que 61% dos adultos alfabetizados têm pouco ou nenhum contato com livros, 73% dos livros estão nas mãos de apenas 16% da população e 89% dos municípios não possuem livrarias, num país em que o índice de leitura é de 1,5 livro per capita por ano (a média mundial é de 10 livros e em países como a França o número chega a 20), poucos projetos culturais são mais urgentes que uma política pública de incentivo à leitura. Esta é a explicação para a boa acolhida inicial do Plano Nacional do Livro e da Literatura (PNLL), do governo federal, que até 2008 prevê a implantação de bibliotecas em todos os municípios brasileiros, a expansão do número de pontos de leitura de 10.000 para 30.000 e o aumento do índice nacional de leitura em 50%. Mas não demorou muito para que começassem a se discutir algumas adequações. A reclamação mais contundente ficou por conta de um manifesto assinado por 183 escritores. Em tom de protesto, Ademir Assunção, um dos signatários, resumiu assim o conteúdo da carta: "De que adianta uma política gerar milhões de leitores de livros de auto-ajuda? Não se deve pensar em criar novos consumidores de livros, mas leitores de verdade. Não se trata apenas de aumentar o índice de leitores, mas sim de aumentar o nível da leitura dos brasileiros".

"DESDE OS PRIMEIROS ANOS, É COLOCADO UM VÍRUS NO SEU CÉREBRO QUE FAZ VOCÊ SE SENTIR UM PERVERTIDO SEXUAL"

Antônio Carlos Brolezzi, 41, professor da USP e autor de *Memórias Sexuais no Opus Dei* (Ed. Panda Books). A obra ataca o grupo católico conservador, relatando "repressão sexual e lavagem cerebral" em um centro do Opus Dei, em São Paulo, freqüentado pelo autor entre 1985 e 1995. Embora as acusações ao grupo em nível mundial não sejam novidade, e a editora goste de um sensacionalismo (é a mesma que lançou Bruna Surfistinha), o livro é relevante por ser um dos mais contundentes relatos sobre o Opus Dei brasileiro.

ANEXO VII



Fonte: Revista 81; página 66.

ANEXO VIII

sPOT

CAMINHO DAS LETRAS

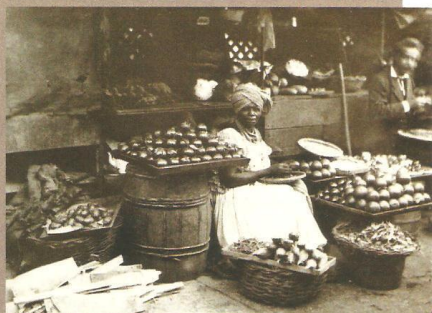
Escritor, bibliófilo e livreiro, Arnaldo Campos viveu como poucos a história e as histórias do mundo literário gaúcho nas últimas décadas. Da infância no Rio de Janeiro à vinda para o Rio Grande do Sul, dos turbulentos anos de ditadura às experiências como diretor do Instituto Estadual do Livro (RS) e como coordenador do Livro e Literatura da Prefeitura de Porto Alegre (cargo que ele ocupa atualmente), sua trajetória está contada no volume *Um Livreiro de Todas as Letras* (Escritório do Livro/EDUNISC, 148 págs., R\$ 25), em depoimento ao jornalista Renato Mendonça. O prefácio é do escritor Charles Kiefer. Compras e outras informações, pelo fone (48) 3234-5417 ou no site www.escriptoriodolivro.org.br.



Acervo Museu Histórico José da Costa

SEGREDOS SUBTERRÂNEOS

As milhares de pessoas que caminham diariamente pela Praça da Alfândega, Centro de Porto Alegre, na certa terão algum transtorno. Mas vai valer a pena. Já estão em andamento as escavações que visam a encontrar, no local, restos materiais de índios guaranis – se encontrado, o material arqueológico deve confirmar a presença indígena no local de fundação da capital gaúcha, no século 18. Indícios de que índios habitavam a região surgiram em 2001, quando da instalação subterrânea de cabos telefônicos no local. As escavações também tentarão encontrar vestígios de um muro, de um trapiche e de duas escadarias do antigo Cais do Porto, que antes do aterramento da capital estava localizado junto ao calçadão que cruza a praça, defronte ao Margs (como mostra a fotografia acima, de 1860, na qual aparecem os prédios localizados onde hoje ficam a Caixa Federal e o Banrisul). Os trabalhos são uma iniciativa do Programa Monumenta do Ministério da Cultura e da Prefeitura de Porto Alegre, que já restaurou o pórtico central do cais e que, em breve, também será responsável pela remodelação do desenho da Praça da Alfândega.



Divulgação MS

PELAS LENTES DE FERREZ

Cinquenta imagens daquele que pode ser considerado o grande fotógrafo brasileiro do século 19 estão na mostra *O Brasil de Marc Ferrez*, até 1º de outubro, na Galeria do Instituto Moreira Salles, em Porto Alegre. A exposição fez parte da programação do Ano Brasil na França, em 2005, quando o IMS também lançou um livro de mesmo nome (320 págs., R\$ 126), com mais de 160 imagens de Ferrez (1843-1923), que é filho de franceses e morou na França, no final da vida. No Brasil, viajando como fotógrafo da Marinha Imperial e da Comissão Geográfica e Geológica do Império, Ferrez retratou paisagens e personagens, em especial do Rio, com grande apuro técnico e sofisticação estética. A Galeria do IMS fica no Shopping Bourbon Country (Av. Túlio de Rose, 80), fone (51) 3341-9685.

NOVA MÚSICA NOVA

Em seu terceiro ano de atividade, o projeto Contemporânea RS chega em novo formato para mostrar ao público gaúcho um pouco do que há de melhor na música erudita atual – no país e no mundo. O festival acontece de 23 a 27 de agosto, no Instituto Goethe de Porto Alegre (Rua 24 de Outubro, 112, fone 51 3222-7832). Entre as atrações estão execuções da peça para atores e orquestra *A História do Soldado*, de Stravinsky, e as *Folksong*, de Luciano Berio, além de obras de nomes gaúchos de destaque. Uma homenagem será feita ao compositor húngaro György Ligeti, morto em junho deste ano, com apresentações de algumas de suas obras. O Contemporânea também promove um "circuito", que acontece ao longo do ano e tem como destaque um concerto do grupo alemão MusikFabrik em novembro, também no Instituto Goethe.



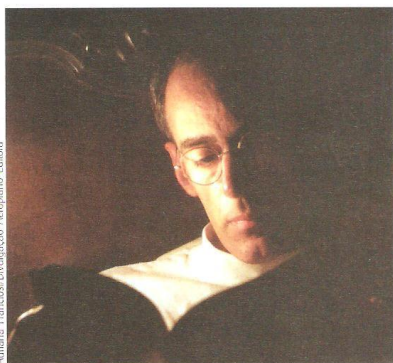
Foto: Divulgação

Fonte: Revista 77; página 37.

ANEXO IX

sPOT

GERDAU



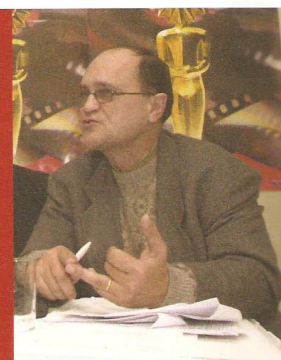
Adriana Francisco/Divulgação Acemilano Editora

LEMBRANDO CAIO F.

2006 marca os dez anos da morte do escritor Caio Fernando Abreu. "Caio F.", como assinava suas correspondências, transpôs para a literatura as ilusões e desilusões de uma juventude sob diladura, que celebrou a abertura política e enfrentou a ressaca dos anos de chumbo em um tempo no qual parecia cada vez mais difícil encontrar sentido para viver. De sua obra destacam-se, entre outros, *O Ovo Apunhalado* (contos, 1975), *Onde Andará Dulce Veiga?* (romance, 1990) e *Morangos Mofados* (contos, 1982), provavelmente seu livro mais conhecido. Este último foi adaptado para o teatro, em 1986, por Luciano Alabarse, um de seus grandes amigos. Para o final deste fevereiro, está previsto o evento *Caio F. – E Assim Se Passaram Dez Anos*, coordenado por Alabarse, com remontagens de peças (incluindo *Morangos Mofados*), debates e exibições de filmes inspirados em textos do escritor. Caio deixou também uma representativa obra de dramaturgia, como as peças *A Maldição do Vale Negro* e *Pode Ser Que Seja Só o Leiteiro Lá Fora*, que ficou dez anos proibida pela censura. Natural de Santiago, RS (nascido em 1948), morreu em 25 de fevereiro de 1996, por complicações decorrentes do vírus HIV.

COZZATTI (1951-2006)

O Rio Grande do Sul perdeu, em 4 de fevereiro, o crítico e articulador cultural Luiz César Cozzatti. Ele tinha 55 anos e uma longa ficha de serviços prestados ao cinema no Estado. Médico por formação, compartilhava a atividade cinematográfica com a psiquiatria. Na década de 70, como sócio do Clube de Cinema de Porto Alegre, entrou em contato com os principais críticos da cidade, como Goida, Enéas de Souza, Hélio Nascimento e P. F. Gastal. A partir dos anos 80, Cozzatti passou a ser personagem importante na organização do Festival de Gramado, em pleno auge do prestígio nacional do evento. Nesse meio tempo, integrou a comissão de seleção (algumas vezes como presidente) e participou do júri de premiação. Ao longo de sua trajetória, publicou em diversos veículos de imprensa. Foi o primeiro a assinar a coluna *Cinéfilo*, de APLAUSO, entre os anos de 1999 e 2000 – cargo posteriormente ocupado por Fatimarlei Lunardelli e, hoje, por Marcus Mello. Entre os anos 70 e 90, colaborou regularmente para o jornal *Zero Hora*. Internado desde o início de janeiro, Cozzatti morreu por falência múltipla de órgãos, decorrente de uma mediastinite.



Camilo Jorati/Agência RBS

Festival de Cinema de Porto Alegre
CineEsquemaNovo2006
Abra seu coração. Desbitole-se.

de 8 a 14 de maio
www.cineesquemanovo.org

patrocínio: PETROBRAS
apoio especial: Prefeitura de PORTO ALEGRE
financiamento: Prefeitura Municipal de Porto Alegre
apoio: APLAUSO

APLAUSO

Fonte: Revista 72; página 25.



38 APLAUSO

Fonte: Revista 105; página 38.

Genaro Joner/Agência RBS



Relíquia preservada, a Matriz de Viamão desponta como um dos principais templos católicos da nossa história

“**A**quilo que se denomina patrimônio artístico e histórico nacional é o documento de identidade da nação brasileira.”

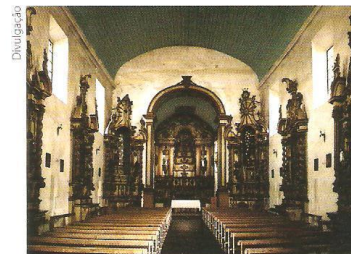
A frase de Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969), primeiro diretor do antigo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do país – o atual IPHAN – ecoa como uma provocação. Sobre tudo quando se percebe que muito de nossa memória só resiste em parques documentos e antigas fotografias. É fato que, nos últimos anos, por meio de iniciativas como o Projeto Monumenta, diversas edificações da malha urbana foram salvas do aniquilamento físico. Entretanto, o descaso e o abandono imperam, tanto por parte da comunidade civil, que pouco se sente comprometida com algo cuja história desconhece, como por parte das administrações públicas, tantas vezes carentes de verbas e profissionais qualificados para gerenciar projetos culturais de reduzido apelo midiático, ainda mais aqueles voltados à preservação.

No Rio Grande do Sul, em especial, é histórica a insuficiência de ações conservacionistas. A maioria dos museus estatais, por exemplo, encontra-se sucateada, deixando vulneráveis os acervos que deveria proteger. E quantos não são os herdeiros que abandonam à sorte vetustas construções para, forçosamente, levá-las à ruína e “escapar” (por ignorância) de um possível tombamento por órgãos governamentais?

Há exceções, é claro, mas basta um passeio pelas principais cidades gaúchas para perceber a degradação imposta ao patrimônio histórico, especialmente arquitetônico. Não cabe aqui qualquer análise das causas dessa situação, mas parece evidente que uma delas reside na falta de conhecimento do nosso próprio passado e tradição. Afinal, como há anos prega o professor Júlio Curtis, ex-superintendente do IPHAN no Estado: “só se protege o que se ama; mas só se ama o que se conhece”.

Relações de poder

E muitas arestas despontam quando o foco são as antigas igrejas católicas – erigidas ainda no período colonial, foi em torno delas que as cidades cresceram e se multiplicaram no Estado. É necessária uma mínima compreensão dos processos de povoamento do Rio Grande do Sul, das técnicas construtivas e das referenciais estéticas em vigor, além, claro, das complexas relações entre Coroa e Clero, para entender o ciclo de povoamento que teve como base as igrejas. No mundo ocidental, essas relações de poder variaram muito de país a país. Mas, no caso português, ocorreu uma subordinação da Igreja ao Estado através de um mecanismo conhecido como Padroado Régio – uma série de privilégios outorgados paulatinamente pelos papas aos reis de Portugal, desde o século 15, em troca da obrigação de implantar a fé católica nos territórios



Dedicação

conquistados. Como aponta o pesquisador José Oscar Beozzo, o Padroado permitia ao rei apresentar seus candidatos aos cargos eclesiásticos, enquanto a Roma era reservada a nomeação dos bispos indicados pelo monarca. Os bispos, por sua vez, confirmavam os párocos, mas era o rei, em última instância, quem recolhia os dízimos e, dessa forma, sustentava as missões, bispados e paróquias e também controlava as doutrinas e mesmo as bulas e encíclicas papais, que só entravam em vigor depois do seu assentimento. Em troca, o catolicismo era a religião oficial do Estado, operando em regime de monopólio com exclusão de qualquer outra fé religiosa. Igreja e Coroa, portanto, estavam amalgamadas por diversos e, muitas vezes escusos, interesses.

É justamente devido às relações de poder entre as instituições que a igreja, como espaço físico, assumiu um papel central no processo de povoamento do Brasil. Construída geralmente em área plana, alta e diante de uma praça, a capela inicial de um povoado estabelecia o traçado das ruas e o alinhamento das casas. Era, por assim dizer, o coração do lugarejo. Próximo dela, quase sempre realizando o contorno da praça, seriam erguidos a intendência, a prisão e outros prédios públicos. Para várias gerações, os templos igualmente representaram o principal espaço de encontro da comunidade: ali eram lidas as cartas do bispo e divulgados alvarás, notícias ou chamamentos de interesse do governo e do povo.

O cura ou vigário representava o grande esteio daquela sociedade em formação. Em desavenças, recorria-se a ele; quando alguém era roubado ou alvo de um crime, queixava-se à Santa Madre Igreja – e esta fornecia, dependendo da gravidade, uma carta de excomunhão que ameaçava o suspeito e a todos que sabiam do delito. Tratava-se da pena mais temida e, por isso, quem sabia de qualquer coisa não deixava de dar seu depoimento.

O fato é que a Igreja estava fortemente presente na vida e também na morte das pessoas. ▶